



**Juliana Braga Guimarães**

**FINANCIAMENTO FILANTRÓPICO,  
DESENVOLVIMENTO INTERNACIONAL E  
AGROECOLOGIA URBANA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Análise e Gestão de Políticas Internacionais da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre (opção profissional).

Orientadora: Isabel Rocha de Siqueira

Rio de Janeiro  
Julho de 2022



**Juliana Braga Guimarães**

**FINANCIAMENTO FILANTRÓPICO,  
DESENVOLVIMENTO INTERNACIONAL E  
AGROECOLOGIA URBANA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Análise e Gestão de Políticas Internacionais da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre (opção profissional).  
Dissertação aprovada pela banca abaixo

**Prof. Isabel Rocha de Siquera**

Orientadora

Instituto de Relações Internacionais – PUC-Rio

**Prof. Ana Elisa Saggiaro Garcia**

Instituto de Relações Internacionais – PUC-Rio

**Graciela Hopstein**

Rede de Filantropia para Justiça Social

Rio de janeiro, 28 de julho de 2022

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

### **Juliana Braga Guimarães**

Juliana Braga Guimarães é neta de agricultores familiares e urbanos cariocas e cearenses, bacharel em Relações Internacionais pelo Centro Universitário IBMR com aperfeiçoamento em Políticas de Segurança Alimentar e Nutricional na América Latina pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO-ONU). Membro-fundadora e conselheira da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional e Associação da Feira Agroecológica de Campo Grande. Interesses em agroecologia urbana, justiça climática, financiamento filantrópico e desenvolvimento comunitário. Brazil Programme Fellow na Oak Foundation.

#### Ficha Catalográfica

Guimarães, Juliana Braga

Financiamento filantrópico, desenvolvimento internacional e agroecologia urbana / Juliana Braga Guimarães ; orientadora: Isabel Rocha de Siqueira. – 2022.

85 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Instituto de Relações Internacionais, 2022.

Inclui bibliografia

1. Relações Internacionais – Teses. 2. Filantropia. 3. Desenvolvimento internacional. 4. Financiamento internacional. 5. Agroecologia urbana. 6. Agricultura urbana. 7. Segurança Alimentar e Nutricional. I. Siqueira, Isabel Rocha de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Instituto de Relações Internacionais. III. Título.

CDD: 327

Pela luta do Casarão Agroecológico na Feira  
Agroecológica de Campo Grande-RJ

## **Agradecimentos**

Agradeço à minha família por providenciar todas as plataformas necessárias para meu desenvolvimento educacional, cidadão e social, por meio do afeto e respeito. Um destaque especial para meus avós maternos e paternos que por meio da agricultura familiar construíram gerações de filhos e netos com muito orgulho de suas origens. À Feira Agroecológica de Campo Grande, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, por me inspirar a esperar e lutar por sociedades melhores e mais justas. Ao Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio e à banca, pela gentileza e aprendizado construtivo. Por fim, às minhas colegas de turma de mestrado, às quais nutro admiração, que não mediram esforços para me incentivar, dando beleza e carinho à árdua jornada de estudar online durante uma pandemia e crise social.

## Resumo

Guimarães, Juliana Braga; Siqueira, Isabel da Rocha (orientadora). **Financiamento filantrópico, desenvolvimento internacional e agroecologia urbana**. Rio de Janeiro, 2022. 85p. Dissertação de Mestrado – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente artigo busca explicar como a filantropia influencia o desenvolvimento internacional e pode exercer um papel estratégico para a transição agroecológica nas cidades. Uma linha do tempo histórica elucida a interseção entre a profissionalização do financiamento filantrópico e a expansão do desenvolvimento internacional com foco em analisar o impacto da filantropia no desenvolvimento internacional da agricultura. Argumenta-se ao longo do artigo que organizações filantrópicas familiares possuem responsabilidade e oportunidade estratégica de apoiar a transição agroecológica, especificamente em territórios urbanos, de forma a minimamente compensar apoios filantrópicos prévios à agricultura feitos com pouca preocupação ecológica e social. Recomendações e lições aprendidas são compartilhadas no final do artigo de forma a evidenciar boas práticas replicáveis e gargalos de apoios filantrópicos à agroecologia urbana no Brasil. Para tanto, foram usados como fontes primárias e secundárias: literatura especializada publicada em revistas e eventos, relatórios de transparência e materiais audiovisuais de *storytelling* de fundações filantrópicas, associações de financiadores, organizações da sociedade civil e internacionais.

## Palavras-chave

Filantropia; desenvolvimento internacional; financiamento internacional; agroecologia urbana; agricultura urbana; segurança alimentar e nutricional.

## Abstract

Guimarães, Juliana Braga; Siqueira, Isabel da Rocha (advisor). **Philanthropic finance, international development, and urban agroecology**. Rio de Janeiro, 2022. 85p. Master's Dissertation – Institute of International Relations, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

This article seeks to explain how philanthropy influences international development and can play a strategic role in the agroecological transition in cities. A historical timeline elucidates the intersection between the professionalisation of philanthropic funding and the expansion of international development with a focus on analysing the impact of philanthropy on the international development of agriculture. It is argued throughout the article that family philanthropic organisations have a responsibility and a strategic opportunity to support the agroecological transition specifically in urban territories, minimally offsetting prior philanthropic grants to agriculture established with little ecological and social concern. Recommendations and lessons learned are shared at the end of the article in order to highlight replicable best practices and bottlenecks in philanthropic support for urban agroecology in Brazil. To this end, specialised literature published in magazines and events, transparency reports and audio-visual storytelling materials from philanthropic foundations, donor associations, civil society and international organisations were used as analysis tools.

## Key words

Philanthropy; international development; international funding; urban agroecology; urban agriculture; food and nutrition security.

## Sumário

1 Introdução .....	14
2 Filantropia e desenvolvimento internacional .....	16
3 Agroecologia e desenvolvimento internacional .....	25
4 Filantropia e agroecologia urbana: panorama, oportunidades e vantagens de colaboração e experiências no Brasil.....	39
4.1 De qual filantropia estamos falando? .....	39
4.2 De qual agroecologia urbana estamos falando? .....	47
4.3 Financiamento à agroecologia urbana e oportunidades para a filantropia .....	52
4.4 Experiências de financiadores na agroecologia urbana no Brasil .....	58
4.4.1 The AgroEcology Fund.....	58
4.4.2 Global Alliance for the Future of Food.....	63
4.4.3 Instituto Clima e Sociedade .....	64
4.4.4 Instituto Ibirapitanga .....	66
4.5 Experiências de <i>grantees</i> na agroecologia urbana no Brasil.....	69
4.5.1 Agroecologia nos municípios.....	69
4.5.2 ASPTA – Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa .....	70
P1MC; Brot für die Welt, organização protestante para a Diaconia e o desenvolvimento para pão para o mundo – serviço protestante para o desenvolvimento, Porticus, fundação da família Brenninkmeijer, fundadora da C&A, Manos Unidas, ONG espanhola, <i>Catholic Committee against hunger and for development</i> (CCFD-Terre Solidaire), organização não governamental católica francesa de ajuda humanitária, ActionAid Brasil, ONG internacional, e MISEREOR – Obra episcopal da Igreja Católica da Alemanha para a cooperação do desenvolvimento. Já no Programa Paraná, também em 2019, foi apoiado pela MISEREOR – Obra episcopal da Igreja Católica da Alemanha para a cooperação do desenvolvimento, Fundação Banco do Brasil. Ao todo, apenas uma fundação filantrópica familiar é encontrada, mas apoiando	

agricultura do campo, e não urbana.4.5.3 Fase – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional .....	71
4.5.4 FUA – Fundo Agroecológico.....	72
4.5.5 LU.PPA – Laboratório Urbano de Políticas Públicas Alimentares .....	73
5 Conclusão.....	74
6 Referências Bibliográficas .....	76

## **Lista de Gráficos**

Gráfico 1 - Os 20 maiores financiadores filantrópicos, 2016-2019 .....	23
Gráfico 2 - Alocação do financiamento por país, 2016-2019 .....	23
Gráfico 3- Menção à agricultura urbana e agroecologia nos documentos preparatórios da Agenda 2030, na Agenda 2030 em si e nos documentos pós-Agenda.....	31
Gráfico 4 - Cartas e Estratégias de Sistemas Alimentares emitidas em nível subnacional em países desenvolvidos do Norte Global por ano de 2001 a 2015..	37
Gráfico 5- "Dois tipos diferentes de agricultores urbanos no Malauí" .....	50

## Lista de Tabelas

Tabela 1- Fundações familiares e independentes do GIFE e suas linhas programáticas relacionadas à agroecologia urbana, produção autoral. ....	55
Tabela 2 - Financiadores do AgroEcology Fund, produção autoral .....	59
Tabela 3 - Apoios à agroecologia urbana, produção autoral.....	62
Tabela 4 - Apoios à agroecologia urbana, produção autoral.....	66
Tabela 5 - Apoios à agroecologia urbana, produção autoral.....	68

## **Lista de Siglas e Abreviações**

AEF – Agroecology Fund  
AGRA - Alliance for a Green Revolution in Africa  
AU – Agricultura Urbana  
AU+ - Agroecologia Urbana  
BMGF – Bill and Melinda Gates Foundation  
CSA – Comitê para Segurança Alimentar Mundial  
FAO –  
FMI – Fundo Monetário Internacional  
FOLU - New Food and Land Use Economy Coalition  
GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas  
GPPi – Global Public Policy Institute  
ICS – Instituto Clima e Sociedade  
MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra  
MUFPP -  
NVA – New Vision for Agriculture  
ODM – Objetivo de Desenvolvimento do Milênio  
ODS- Objetivos de Desenvolvimento Sustentável  
OECD -  
ONU – Organização das Nações Unidas  
OSC- Organização da Sociedade Civil  
PAA -  
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento  
SAI – Sustainable Agriculture Initiative  
SDSN - Sustainable Development Solutions Network  
SEEG - Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito

Estufa

UNRRA -  
USAID -  
WBCSD - World Business Council for Sustainable Development

Quem inventou a fome são os que comem.

Maria Carolina de Jesus

## Introdução

Em 2021, a fome chegou a 828 milhões de pessoas no mundo. Só no Brasil, a prevalência da insegurança alimentar severa em relação à população total foi de 1.9%, entre 2014-2016, para 7.3%, entre 2019-2021. A projeção da FAO é de que até 2030, 630 milhões de pessoas ainda estejam em situação de fome<sup>1</sup>. É também para 2030 a projeção de que 91,1% da população brasileira viverá em assentamentos urbanos<sup>2</sup>. Com a carência de cadeias curtas de abastecimento alimentar no Brasil, a *conta parece não fechar*. Ao mesmo tempo, em um cenário de invisibilização e pouco espaço na agenda de financiamento, como incentivar alternativas aptas a encarar o desafio holístico dos sistemas alimentares urbanos, tal como a agroecologia urbana?

É tentando responder a esta pergunta que esse trabalho traça duas linhas do tempo: filantropia e agroecologia vs. desenvolvimento internacional nas seções 2 e 3 e, na seção 4, qualifica-se filantropia e agroecologia urbana, analisando o cenário de financiamento dessa agenda e mapeando 10 exemplos de parceria financiador-financiado no Brasil para reflexão, inspiração e aprendizado.

Nesse contexto, campanhas estratégicas de mobilização e formação de *advocacy* se tornam indispensáveis para alavancar o potencial produtivo, social e enquanto ferramenta de planejamento de cidades da agroecologia urbana de forma sistêmica e duradoura. Aqui, reconhece-se que não se pode focar apenas em campanhas e *advocacy*. É preciso um apoio real à transição agroecológica, com acesso a linhas de crédito, compra de maquinário, regularização de certificações,

<sup>1</sup> RELATÓRIO da ONU: fome no mundo sobe para 828 milhões em 2021. **Programa Mundial de Alimentos**. 06 set. 2022. Disponível em: < <https://centrodeexcelencia.org.br/en/relatorio-da-onu-fome-no-mundo-sobe-para-828-milhoes-em-2021/> >. Acesso em: 01 de maio de 2022.

<sup>2</sup> MAIS de 90% da população brasileira viverá em cidades em 2030. **ONU News**. 17 out. 2022. Disponível em: < <https://news.un.org/pt/story/2016/10/1566241-mais-de-90-da-populacao-brasileira-vivera-em-cidades-em-2030#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20C3%BAltimo,Latina%20seja%2086%25%20urbana.%E2%80%9D> >. Acesso em: 01 de maio de 2022.

ou seja, “*trocando o pneu com o carro andando*”. Logo, nesse trabalho destaca-se a oportunidade estratégica para a filantropia apoiar a agenda da agroecologia urbana em duas categorias principais: “*advocacy*” e “produção, transição e escoamento”. Traça-se linhas argumentativas integradas com preocupações de redução de emissão de carbono, prioridades territoriais pré-existentes na filantropia – como Amazônia Real – e outras convergências que fazem a agroecologia urbana ser um tema válido para ser financiado.

Acredita-se que, pelo posicionamento mais propenso ao risco, as fundações filantrópicas familiares e independentes podem desempenhar um papel transformador no financiamento dessa pauta, apostando tanto em inovações de arranjos urbanos alimentares quanto em práticas tradicionais de cultivo nas cidades que ainda hoje são invisibilizadas, abafadas e despriorizadas pela especulação imobiliária, violência urbana, falta de reconhecimento por órgãos públicos, entre tantos outros motivos. É com base nos princípios da filantropia comunitária e práticas de financiamento de custos reais da transformação social que esse trabalho sugere mais financiamento filantrópico à agroecologia urbana no Brasil e mapeia experiências de organizações financiadas e financiadoras a fim de aliar lógicas e evidências conceituais a oportunidades reais de justiça social.

## 2

## Filantropia e desenvolvimento internacional

No período de 2016 a 2019, os fluxos de financiamento de ajuda oficial ao desenvolvimento alcançaram USD 595,5 bi. Apenas 7% desse valor teve origem no financiamento filantrópico<sup>3</sup>, sendo o resto advindo majoritariamente de agências governamentais. Dada tamanha disparidade, pode causar surpresa o fato de que esse contexto já foi o oposto. Com os orçamentos governamentais direcionados para as guerras, no início do século XX a filantropia liderou com ampla folga o montante do financiamento da ajuda internacional, sendo por décadas o único ator a investir internacionalmente já que o governo considerava inconstitucional destinar recursos públicos à ajuda no exterior – cenário este que só mudou após a 1ª Guerra Mundial<sup>4</sup>. Com origens e influências fortemente atreladas ao missionarismo cristão<sup>5</sup>, a filantropia dos Estados Unidos iniciou no fim do século XIX, com crescimento mais acelerado no início do século XX<sup>6</sup>. Ainda que o processo de desenvolvimento do que viria a ser chamado filantropia tenha começado na Grã-Bretanha<sup>7</sup>, foi nos

---

<sup>3</sup> OECD, **Private Philanthropy for Development** – Second Edition: Data for Action, The Development Dimension, Paris: OECD Publishing, 2021. Disponível em: < [https://www.oecd-ilibrary.org/sites/cdf37f1e-en/1/3/1/index.html?itemId=/content/publication/cdf37f1e-en&\\_csp\\_=64f1aacd1c85e6f34404d7f4cde810a9&itemIGO=oecd&itemContentType=book](https://www.oecd-ilibrary.org/sites/cdf37f1e-en/1/3/1/index.html?itemId=/content/publication/cdf37f1e-en&_csp_=64f1aacd1c85e6f34404d7f4cde810a9&itemIGO=oecd&itemContentType=book) >. Acesso em: 01 de maio de 2022.

<sup>4</sup> YARMOLINSKY, Adam. Philanthropic Activity in International Affairs. In: DEPARTMENT OF TREASURE (EUA). **Research Papers Sponsored by the Commission on Private Philanthropy and Public Needs**. Volume II: Philanthropic Fields of Interest, Part I - Areas of Activity. Washington D.C.: Department of the Treasury, 1977. P. 371. Disponível em: < <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED143603.pdf> >. Acesso em: 01 de maio de 2022.

<sup>5</sup> PIPKIN, Augusta. Innovations in Philanthropy: Towards a new ideology for international giving. **The Fletcher Forum**, v. 9, n. 2, Verão 1985, pp. 383-400. Disponível em: < <https://dl.tufts.edu/pdfviewer/2n49tc11z/h415pn33h> >. Acesso em:

<sup>6</sup> PHILANTHROPY NEW YORK. **History of U.S. Philanthropy**. New York: Philanthropy New York, 2008. Disponível em: < <https://philanthropynewyork.org/sites/default/files/resources/History%20of%20Philanthropy.pdf> >. Acesso em: 01 de maio de 2022.

<sup>7</sup> DAVIES, Rhodri. A Timeline of Modern British Philanthropy. **Charities Aid Foundation**, London, 18 mar. 2016. Disponível em: < [https://www.cafonline.org/about-us/blog-home/giving-thought/the-role-of-giving/a-timeline-of-modern-british-](https://www.cafonline.org/about-us/blog-home/giving-thought/the-role-of-giving/a-timeline-of-modern-british-philanthropy)

Estados Unidos que a então chamada *filantropia organizada* fincou atuação internacional<sup>8</sup>. Diversos motivos podem explicar esse protagonismo. Um dos principais a ser destacado é o fato de os Estados Unidos ter tido menor impacto na economia doméstica em comparação à Europa durante as guerras mundiais no início do século XX.

Três grandes fundações foram responsáveis pela estruturação da filantropia organizada nos Estados Unidos, que, posteriormente, influenciou diversos outros países: *Carnegie Foundation*, fundada em 1905; *Rockefeller Foundation*, 1913; e, *Ford Foundation*, 1936. Com um projeto de posicionamento estratégico consciente, tais filantropos não faziam simplesmente uma extensão de seus impérios industriais por meio da filantropia, mas se viam como líderes no desenvolvimento internacional da época<sup>9</sup>. Até certa medida, é possível afirmar que tais organizações se viam como formuladoras de uma política governamental de ajuda, ainda que suas atuações fossem livres e sem ingerência do governo.

É difícil separar os esforços filantrópicos do início do século XX do governo norte-americano uma vez que havia uma expectativa – muitas vezes alcançada – de que o governo complementaria recursos nos projetos financiados pelas organizações filantrópicas a fim de demonstrar interesse público naquelas pautas. Ao ter o poder de selecionar as agendas de financiamento – tanto geográfica quanto conceitualmente –, as organizações filantrópicas apontavam novas direções para a ajuda governamental. Ao mesmo tempo que colocava à disposição uma alternativa de fonte de recursos aos países em desenvolvimento, providenciava ao governo dos Estados Unidos um pluralismo de programas e ideias de ajuda internacional que encorajava novas iniciativas.

Foi por meio do financiamento da Rockefeller Foundation em 1912 que estudos para desenvolver a vacina da febre amarela foram feitos e distribuídos pela América Latina, por exemplo. Da mesma forma, por conta dessa mesma organização a Revolução Verde da agricultura ganhou força. Já a Carnegie Foundation é envolvida com filantropia internacional desde sua fundação, com foco na área de educação e sendo responsável pelo estabelecimento de diversas

---

[philanthropy#:~:text=From%20the%20mid%201500s%2C%20the,to%20give%20via%20the%20church>](#). Acesso em: 01 de maio de 2022.

<sup>8</sup> PIPKIN, Augusta. op. cit.

<sup>9</sup> YARMOLINSKY, Adam. op. cit.

universidades no continente africano. A Ford Foundation, apesar de ter sido fundada alguns anos depois que as duas primeiras, rapidamente se igualou ao nível de financiamento, tornando-se também ativa em ajudas internacionais com foco em saúde, abastecimento alimentar e controle populacional. Muitos desses empreendimentos tiveram efeitos negativos, crítica que Pipkin tece com mais profundidade em sua obra. Aqui se destaca apenas os danos da Revolução Verde, que popularizou a falsa ideia de que o problema da fome se resolveria exclusivamente por um super aumento da produção agrícola, com pouca preocupação quanto à distribuição dessa produção e processos de plantio respeitosos à natureza e gerações futuras.

Se no início do século XX a filantropia ditava os rumos da ajuda internacional ao desenvolvimento, o contexto já não era mais tão livre assim a partir da década de 1940. Após a 2ª Guerra Mundial o governo norte-americano começa a investir altos valores em agendas próprias de ajuda internacional de recuperação socioeconômica na Europa, Ásia e América Latina, além do órgão da Organização das Nações Unidas (ONU) dedicado a providenciar alívio e recuperação econômica (UNRRA). Com um governo fortalecido e estabelecendo uma estratégia de atuação internacional autônoma, as organizações filantrópicas deixaram o posto de liderança da ajuda internacional. Tal contexto gerou um movimento sistêmico de reposicionamento estratégico das organizações de filantropia.

Se antes era certo que o governo dos Estados Unidos apoiaria as mesmas pautas financiadas de forma pioneira pelas organizações filantrópicas, nesse momento isso se torna o oposto. Com uma estratégia firme e clara, as escolhas de pautas e locais a financiar deixaram de ser uma sombra das decisões das organizações filantrópicas e passaram a ser feitas com independência e inteligência governamental própria. A virada de chave das organizações filantrópicas ao deixarem o posto de maiores investidoras do desenvolvimento internacional foi entender que, apesar de não competir com o governo, precisavam financiar pautas cujo montante doado realmente gerasse uma diferença impactante e não apenas complementasse recursos de outros doadores, no caso, majoritariamente recursos governamentais. Foi a partir desta lógica que a filantropia e o governo passaram a apoiar pautas distintas e, muitas vezes, conflitantes. O contexto desse período influenciou bastante essa nova guinada: nas décadas de 1960 e 1970, pautas que antes não eram consideradas ideológicas ou políticas passaram a ser. Apoios

governamentais a determinados temas como planejamento familiar – incluindo clínicas de aborto – e direitos humanos passaram a ter novos pesos em termos de posicionamento político. Mesmo com histórico de apoio nesses campos, o governo evitava apoiar esses ecossistemas por conta de uma possível reação popular conservadora. Na ausência de financiamento governamental, a filantropia passou a capturar tais debates e ser a válvula de escape em termos de sustentabilidade financeira a organizações da sociedade civil da área.

Nesse momento, a harmonia de tais financiamentos passou a ser da seguinte forma: enquanto as decisões do governo passavam pelo crivo popular, ainda que com um plano estratégico próprio, o destino do dinheiro não era assim tão flexível e dependia muitas vezes da opinião pública para ter sucesso. Já as organizações filantrópicas, sem amarras de escrutínios públicos e regulamentações, conseguiam mais flexibilidade na escolha do ecossistema a fortalecer, o que lhes concedeu – e ainda concedem – uma oportunidade de moldar a opinião pública, podendo ser visto como uma retroalimentação que influencia o financiamento governamental.

Em 1995, um relatório encomendado pela Rockefeller Foundation para a ocasião da Conferência *Desenvolvimento centrado em pessoas*<sup>10</sup>, organiza com inteligência a mudança que vinha ocorrendo a partir da nova postura do governo e das organizações filantrópicas. O documento afirma que se as organizações filantrópicas enxergarem o desenvolvimento majoritariamente como processos conduzidos pelo Estado e pelo mercado, o papel da filantropia será, de fato, modesto perto da grandiosidade da ajuda oficial ao desenvolvimento realizada pelos governos. Porém, se as organizações enxergarem que o desenvolvimento é por pessoas e comunidades, a filantropia assume um papel transformador e decisivo.

Começa, então, a se remoldar o papel da filantropia para o desenvolvimento internacional, ressaltando que para causar um impacto sistêmico e realmente transformador, organizações filantrópicas devem focar em assuntos mais específicos, que carregam estratégias mais sofisticadas de mudança social. Esse movimento levou a uma profissionalização forte das equipes desse mercado de trabalho com entendimentos únicos tanto de contextos sociais complexos quanto de

---

<sup>10</sup> SCHEARER, Bruce. **The Role of Philanthropy in International Development**. New York: The Synergos Institute, 1995. Disponível em: < <http://live-syn-synergos.pantheonsite.io/sites/default/files/media/documents/philanthropyininternationaldevelopment.pdf> >. Acesso em: 01 de maio de 2022.

ferramentas burocráticas de gerir apoios de grande porte. Somado ao diferencial de terem atuações e processos decisórios mais flexíveis que as organizações públicas e multilaterais, e com recursos financeiros e intelectuais sofisticados disponíveis, a filantropia tem uma contribuição única e valiosa para o avanço de pautas consideradas progressivas ao desenvolvimento internacional.

Ainda em 1995, Schearer, no relatório citado acima, já argumenta que um desses tópicos específicos deveria ser o fortalecimento institucional de organizações da sociedade civil, para que estas consigam ter segurança financeira a longo prazo para desenvolver estratégias mais sólidas e transformadoras, seja no assunto que for. Prestes a crescer exponencialmente, o setor da filantropia começava a ter lastro de trajetória acumulada para gerar histórico de aprendizados e oportunidades de mudança em sua forma de atuação – o que foi essencial para impactar ainda mais o desenvolvimento internacional.

Na virada do milênio, diversas organizações filantrópicas foram estabelecidas. Um bom indicador desse fenômeno é o fato de que 13 das 30 fundações monitoradas pelo Centro de Filantropia da OECD<sup>11</sup> foram estabelecidas entre 1998 e 2020, sendo 6 entre 2000 a 2004. Sinais da influência na geração de elites, novas fundações originadas do setor de tecnologia e petróleo – como a Google Foundation [atual Google.org] e a Sawiris Foundation for Social Development, do Egito – fazem parte dessa geração filantrópica. Essa oxigenação do campo foi fundamental para o recorde de doação para uma causa única, obtido após os ataques terroristas de setembro de 2001 para amparo das vítimas, famílias, recuperação econômica de empreendimentos, entre outros<sup>12</sup>. Esse foi um marco importante para impulsionar uma coordenação mais organizada da filantropia.

Uma das primeiras pesquisas analisando o impacto dessa geração de organizações filantrópica foi feita em 2008 pelo *Global Public Policy Institute* (GPPi) e as caracterizou como ‘filantrocapitalismo’. Bem diferente da filantropia *tradicional* como Carnegie e Rockefeller, o GPPi descreve que o

<sup>11</sup> OECD. **The role of philanthropy in financing for development**. Disponível em: < <https://www.oecd.org/dac/financing-sustainable-development/development-finance-standards/beyond-oda-foundations.htm> >. Acesso em: 01 de maio de 2022. Cf.: OECD. Centre of Philanthropy. Disponível em: < <https://www.oecd.org/development/philanthropy-centre/> >. Acesso em: 01 de maio de 2022.

<sup>12</sup> CHARITY NAVIGATOR. Milestones in Philanthropy. **Charity Navigator**, New Jersey, 1 jul. 2015. Disponível em: < <https://www.charitynavigator.org/index.cfm?bay=content.view&cpid=737> >. Acesso em: 01 de maio de 2022.

*filantropocapitalismo* é uma geração de fundações preocupada em trazer uma abordagem de negócios para a filantropia. Não necessariamente significa que as soluções serão apenas inspiradas por soluções de mercado, mas focadas em eficiência, efetividade, metas de desempenho e retornos sociais dos investimentos, com risco equilibrado, disperso e coberto. Nesse mesmo período, o *Index of Global Philanthropy and Remittances*, produzido pelo *Hudson Institute*, constatou que em 2007 a filantropia privada alocou USD 36,9 bilhões em apoios a países em desenvolvimento, enquanto o USAID, USD 21,8 bilhões e o Banco Mundial, USD 25 bilhões<sup>13</sup>. Essa não foi uma retomada da filantropia na liderança do financiamento do desenvolvimento internacional, pois representa apenas o cenário americano de ajuda. Porém, ressalta-se que esse é um possível indicador dos resultados da nova geração de organizações do início dos anos 2000 e dos princípios de eficácia e desburocratização da filantropia por parte das fundações novas, lidas como ‘filantropocapitalistas’.

A avaliação do papel da filantropia no desenvolvimento internacional tem sido majoritariamente baseada no montante do fluxo de recursos à luz das agências de desenvolvimento. Urge uma abordagem mais adaptada ao setor filantrópico considerando aspectos “intra-filantropia”, como os seguintes questionamentos: quanto do montante despendido pela filantropia é destinado ao desenvolvimento internacional? Quais são as origens dos recursos das fundações que mais costumam atuar internacionalmente? Qual o perfil temático de tais fundações? Há correlação no tema principal de financiamento da fundação, sua origem de recurso e territórios priorizados? Em 2014, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento<sup>14</sup> (PNUD) alertou para a necessidade de ter à disposição maior transparência de dados dos fluxos filantrópicos para que o verdadeiro papel desse setor no desenvolvimento internacional possa ser desenhado. Segundo o Programa, diferenças de montantes

---

<sup>13</sup> HUDSON INSTITUTE CENTER FOR GLOBAL PROSPERITY. **The Index of Global Philanthropy and Remittance**, 2009. Washington D.C.: Hudson Institute, 2009. P. 18. Disponível em:

< [https://www.hudson.org/content/researchattachments/attachment/979/index\\_of\\_global\\_philanthropy\\_and\\_remittances\\_2009.pdf](https://www.hudson.org/content/researchattachments/attachment/979/index_of_global_philanthropy_and_remittances_2009.pdf) >. Acesso em: 01 de maio de 2022.

<sup>14</sup> GRADY, Heather. **Philanthropy as an Emerging Contributor to Development Cooperation**. [s.l.]: United Nations Development Programme, 2014. Disponível em: < <https://www.undp.org/publications/philanthropy-emerging-contributor-development-cooperation> >. Acesso em: 01 de maio de 2022.

de fluxos não podem obscurecer as diferenças de dimensões e atuações. Se tais diferenças forem devidamente reconhecidas, uma cooperação coordenada considerando as especificidades de cada ator pode enriquecer o cenário, mas se ignoradas, podem restringir uma colaboração efetiva dos atores de desenvolvimento internacional.

O papel relevante da filantropia no cenário internacional tem sido reconhecido por diferentes órgãos multilaterais. A OCDE criou o *Centre on Philanthropy* dedicado exclusivamente para disponibilizar recursos que analisam a atuação filantrópica no desenvolvimento internacional, focando majoritariamente em análises financeiras de fluxos. Em 2012, o PNUD fundou o Global Partnership for Effective Development Co-operation para facilitar a coordenação dos diferentes atores financiadores do desenvolvimento sustentável, incluindo não só organizações filantrópicas, como criando uma subárea de atuação, '*Effective philanthropic engagement*', e produzindo recursos personalizados para esse setor. Em contrapartida, as organizações filantrópicas têm se atentado para atrelar seus financiamentos a objetivos coletivos, como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Para facilitar a distribuição de dados nesse assunto, a Conrad N. Hilton Foundation, Ford Foundation e MasterCard Foundation criaram o *SDGfunders.org*, que estima que a contribuição desse setor aos ODS foi de mais de USD 220 bilhões até 2017. Por se tratar de organizações privadas, é preciso regularmente pressionar para o comprometimento coletivo e a transparência, dado que apenas 80 de 177 países possuem base regulatória de prestação de contas para organizações desse tipo. O número despenca para 15 países quando se considera um índice de prestação de contas mais detalhado de acordo com o tamanho da organização<sup>15</sup>.

Entre 2016 e 2019, o montante da filantropia foi de USD 42,5 bilhões, com uma média anual de USD 10,6 bilhões, segundo a OCDE<sup>16</sup>. A maior parte do financiamento foi de um país para outro, sendo mais da metade originado nos

<sup>15</sup> NEXUS; MCDERMOTT WILL & EMERY LLP; CHARITIES AID FOUNDATION. **Rules to Give By:** A Global Philanthropy Legal Environment Index. [s.l.]: [s.e.], [s.d.]. Disponível em: < <https://idis.org.br/wp-content/uploads/2014/12/RULES-TO-GIVE-BY-FINAL-with-Country-Reports.pdf> >. Acesso em: 01 de maio de 2022.

<sup>16</sup> OECD, Private **Philanthropy for Development** – Second Edition: Data for Action, The Development Dimension, Paris: OECD Publishing, 2021. Disponível em: < <https://www.oecd-ilibrary.org/sites/cdf37f1e-en/index.html?itemId=/content/publication/cdf37f1e-en> >. Acesso em: 01 de maio de 2022.

Estados Unidos, USD 24,3 bilhões. O Brasil figura como o 10º país que mais recebe financiamento filantrópico, com uma modesta contribuição da filantropia nacional, se comparado com Índia, México e China.

Gráfico 1 - Os 20 maiores financiadores filantrópicos, 2016-2019<sup>17</sup>

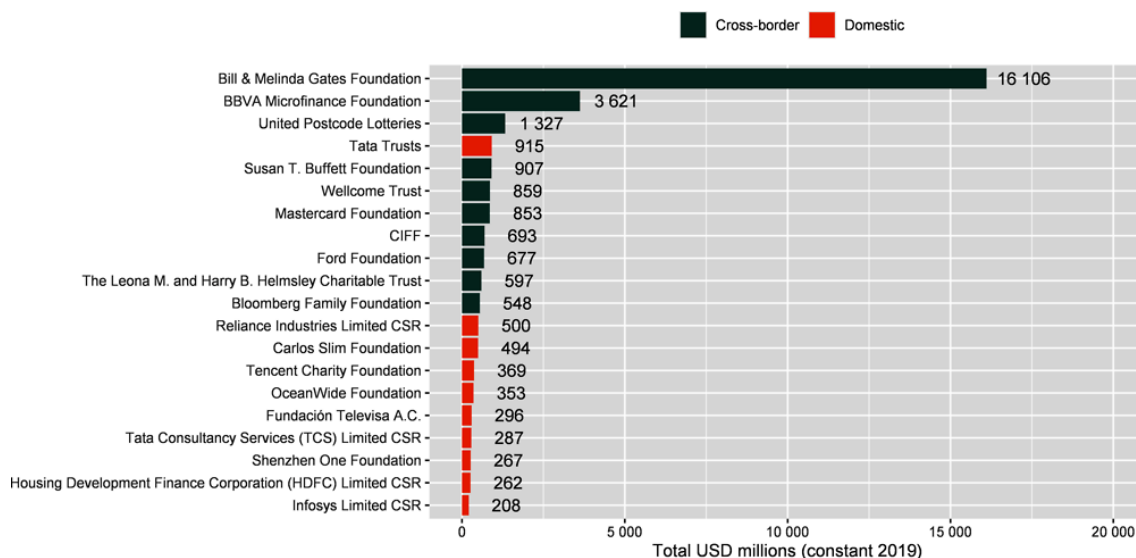
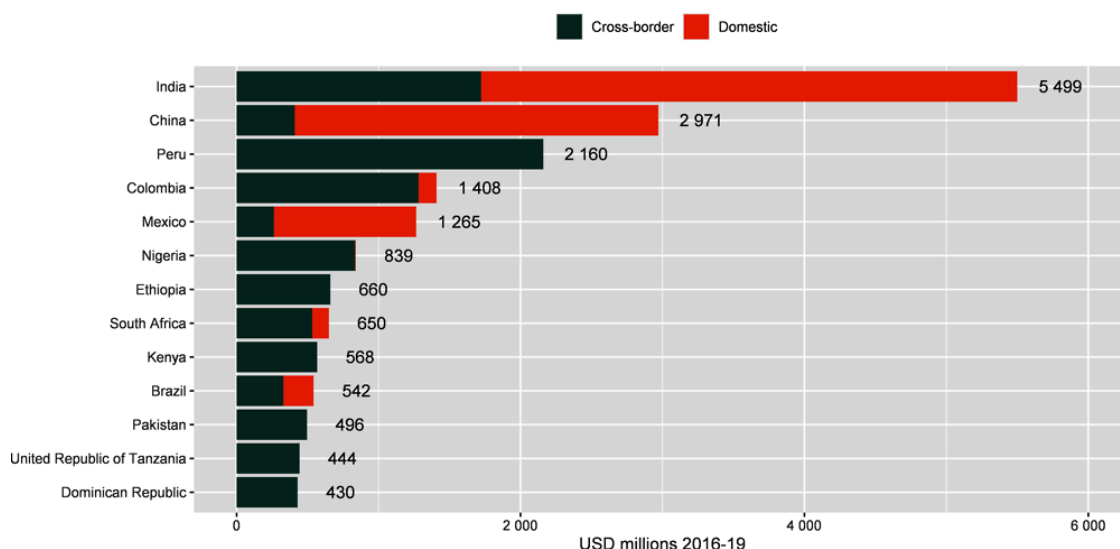


Gráfico 2 - Alocação do financiamento por país, 2016-2019<sup>18</sup>

<sup>17</sup> OECD. Taking stock of philanthropy's contribution to development. In: **Philanthropy for Development** – Second Edition: Data for Action, The Development Dimension, Paris: OECD Publishing, 2021. Disponível em: < [https://www.oecd-ilibrary.org/sites/cdf37f1e-en/1/3/2/index.html?itemId=/content/publication/cdf37f1e-en&\\_csp\\_=64flaacd1c85e6f34404d7f4cde810a9&itemIGO=oecd&itemContentType=book#figure-d1e2512](https://www.oecd-ilibrary.org/sites/cdf37f1e-en/1/3/2/index.html?itemId=/content/publication/cdf37f1e-en&_csp_=64flaacd1c85e6f34404d7f4cde810a9&itemIGO=oecd&itemContentType=book#figure-d1e2512) >. Acesso em: 01 de maio de 2022.

<sup>18</sup> OECD. Loc. cit.



Em resumo, o papel da filantropia é visto por autores dedicados ao tema como uma fonte de financiamento mais flexível e desburocratizada, que apoia pautas consideradas de maior risco e a longo prazo<sup>19</sup>. Com isso, sustenta ecossistemas que, sem esta fonte de recursos, dificilmente seriam financiados por outras grandes fontes de captação – como governos em diferentes escalas ou agências oficiais de desenvolvimento. Um tipo de financiamento mais flexível e duradouro permite que organizações da sociedade civil implementem com mais segurança e longevidade seus planejamentos estratégicos. Consequentemente, mudanças sociais, que ocorrem a partir de articulações a longo prazo, ficam mais propensas de serem alcançadas e estimuladas pela sociedade civil uma vez assegurada tal sustentabilidade financeira e institucional<sup>20</sup>.

<sup>19</sup> COMMUNITY DOOR. **Fundraising and philanthropy**. Disponível em: < <https://communitydoor.org.au/resources/fundraising-and-philanthropy?fbclid=IwAR2lzZg3fEpTI9fCXhpxd5rZfnZ3IqxtGES5cE0fMvDdmpHQu71d12ltXK8> >. Acesso em: 01 de maio de 2022.

<sup>20</sup> MCGREGOR, Allister et al. The Future of International Development and Philanthropy: Promoting Human Wellbeing in a Challenging Global Context. **The Bellagio Initiative Synthesis Report**. [s.l.]: Institute of Development Studies; Resource Alliance; Rockefeller Foundation, set. 2012. Disponível em: < <https://sinapse.gife.org.br/download/the-future-of-international-development-and-philanthropy-promoting-human-wellbeing-in-a-challenging-global-context> >. Acesso em: 01 de maio de 2022.

## 3

**Agroecologia e desenvolvimento internacional**

Para entender a trajetória e relevância da agroecologia urbana (AU+) para o desenvolvimento internacional, é preciso, antes, entender suas especificidades. Enquanto a agricultura urbana (AU) é um conceito geralmente mais preocupado com produção agrícola e que não carrega princípios sociais ou até mesmo técnicos bem delimitados, a agroecologia urbana é uma governança política que não foca apenas na análise de como comida, água e energia são produzidas e consumidas, mas considera de forma crítica como tais recursos são regulados e distribuídos de forma justa – ou não – na sociedade. A AU+ leva em consideração não só a produção de alimentos, mas toda uma cadeia que a comercialização de alimentos implica, como processadores de alimentos, artesãos, subprodutos culturais originados de plantas e árvores, como palha e algodão. A agricultura urbana engloba qualquer tipo de agricultura – subsistência, orgânica, industrial, com uso de veneno etc. – desde que tal esteja estabelecida em um território reconhecido formalmente como área urbana.

Há diversas formas sustentáveis de agricultura urbana e há, inclusive, diversas sustentabilidades. É válido ressaltar que muitas das agriculturas sustentáveis focam seus esforços principalmente na sustentabilidade biológica dos recursos naturais – como a agricultura orgânica, sistema agroflorestal e agricultura biodinâmica. Dentre os tipos de agricultura sustentável que também são comprometidas com a diminuição de desigualdades sociais, destacam-se a agroecologia, agricultura regenerativa e permacultura. A agroecologia foi a escolhida como solução central deste trabalho por ser amplamente reconhecida por movimentos populares de trabalhadores do campo, das cidades e das florestas. Esta é a prática socio-agrícola adotada pelos maiores movimentos sociais de trabalhadores rurais do mundo, como La Via Campesina e Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST).

Agroecologia urbana é [...] um ‘caminho das pedras’ para pensar coletivamente e agir sobre a produção de conhecimento ligados aos sistemas alimentares, acesso a

alimentos saudáveis e culturalmente apropriados, condições de vida para os produtores de comida e à proteção da vida dos solos e da biodiversidade, tudo ao mesmo tempo. (Por que precisamos da agroecologia urbana, Revista de Agricultura Urbana, nº 33, Edição “Agroecologia Urbana” – RUAF Foundation)

Como, então, o cenário de desenvolvimento internacional reconhece e promove a agroecologia urbana em resposta à garantia sustentável da soberania e segurança alimentar e nutricional? Para responder essa pergunta é preciso relembrar brevemente as mudanças por que a agricultura passou durante as últimas décadas e como isso foi crucial para estabelecer uma governança global em prol do debate – e da promoção – da segurança alimentar.

Com influência das guerras no início do século XX, organizações que contribuíam com o desenvolvimento internacional intensificaram o debate de como diminuir a fome no mundo. Sendo pouco responsabilizadas ou mesmo creditadas pela origem desse movimento, organizações filantrópicas familiares protagonizaram boa parte dos incentivos iniciais para buscar soluções para a fome que culminou na Revolução Verde<sup>21</sup>. A Fundação Rockefeller – uma das que mais destinou recursos para o tema nesse período – investiu em extensa pesquisa para modernizar a agricultura dos Estados Unidos e do México, setor que até os anos 1930 pouco tinha se modernizado, mesmo após as revoluções industriais. A modernização sem precedentes no setor agrícola, impulsionada inicialmente pela Fundação, ficou conhecida como ‘Revolução Verde’, movimento responsável por intensificar a mudança genética das espécies para fins de produtividade, introduzir maquinários personalizados a cada etapa da cadeia produtiva, expandir a educação universitária, profissional e técnica no setor agrícola, entre outras ações. Esse movimento fez surgir uma agricultura intensamente tecnológica e de monocultura sem necessariamente incluir tecnologias e conhecimentos técnico-sociais milenares de povos originários ou populações tradicionais.

A Revolução iniciada sob pretexto de apoiar uma segurança alimentar em larga escala fez com que o alimento se tornasse um produto ainda mais comercial e desigual ao focar em uma lógica de utilização dos recursos desenfreada, sem

<sup>21</sup> NALLY, David; TAYLOR, Stephen. **The politics of self-help**: The Rockefeller Foundation, philanthropy and the ‘long’ Green Revolution. (No prelo). Disponível em: < <https://www.repository.cam.ac.uk/bitstream/handle/1810/248186/Nally%20and%20Taylor%202015%20%20Political%20Geography.pdf?sequence=1&isAllowed=y> >. Acesso em: 15 de maio de 2022.

respeito a gerações futuras, ao solo e ao ciclo natural dos recursos naturais. A influência na criação de novos centros comerciais e no estabelecimento de novas cidades e formas de desenvolvimento urbano pelo interior de países passando por essa transformação industrial carimbou a continuidade do processo iniciado pelas primeiras revoluções industriais do século XIX, o de separar os assentamentos humanos de assentamentos de agricultura<sup>22</sup>.

Nos anos 1970 a agricultura urbana era vista como algo inapropriado a longo prazo já que parte da Revolução Verde foi justamente reorganizar o campo para atender a demandas de produção agrícola a fim de deixar as cidades livres para se concentrarem em outras atividades. Foi apenas nos anos 1980 que um estudo comissionado pela Universidade das Nações Unidas comprovou que diversas cidades do mundo possuíam autossuficiência alimentar por conta da existência de agricultura urbana e que havia um movimento crescente – e não decrescente, como esperado – de novos agricultores urbanos. Também nessa década a USAID apoiou um dos estudos mais completos da época, alterando a percepção da agricultura urbana como algo efêmero para uma atividade relevante e duradoura. Nos anos 1990, a partir de um projeto comissionado pelo PNUD foi possível comprovar que as experiências de AU mais ecológica e socialmente justas e modernas cientificamente – inclusive com conhecimentos ancestrais – estavam localizadas no Sul Global<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> SMIT, Jac. **Urban Agriculture, Progress and Prospect: 1975-2005**. Cities Feeding People Series, Report 18. Ottawa: IDCR, 1996. Disponível em: < <https://idl-bnc-idrc.dspacedirect.org/bitstream/handle/10625/22720/108516.pdf?sequence=1> >. Acesso em: 15 de maio de 2022.

<sup>23</sup> NASR, Joe. **Urban Agriculture: Food, Jobs, and Sustainable Cities - 2001 Edition**. Washington, D.C., 1 fev. 2011. Disponível em: < <http://www.jacsmit.com/book.html> >. Acesso em: 15 de maio de 2022.

**BOX 1 – AGRICULTURA EM CIDADES EM PLENO SÉCULO XXI? ISSO NÃO É COISA DO PASSADO, É COISA DA CIÊNCIA DE DADOS: quando São Paulo ligou os pontos.**

Em 2016 a Prefeitura de São Paulo venceu o *Mayor Challenge*, da *Bloomberg Philanthropies* e recebeu US\$ 3 milhões para implementar o projeto 'Liga os Pontos'. Aliando dados e evidências a fortalecimento da agricultura e cadeia de valor, o município conseguiu na primeira fase, ocorrida de janeiro a setembro de 2018, a adesão de seis agricultores urbanos à transição agroecológica. Uma grande conquista considerando que o processo de transição costuma demorar cerca de três anos.

Sendo um dos objetivos a regulação documental via sistema público dos agricultores, a Prefeitura aproveitou a oportunidade para emplacar uma iniciativa de análise dos dados dos sistemas a fim de ter dados seguros e em tempo real – que geralmente não são fornecidos por censos nacionais ou estaduais – sobre o número real de agricultores na cidade, área cultivada, onde estão, qual o fluxo de suas mercadorias, análise socioeconômica para desvendar mitos sobre agricultor ter ou não acesso à internet e qual a qualidade dessa internet etc. Na segunda fase, de junho de 2019 a junho de 2020, iniciativas contemporâneas de se pensar a agroecologia urbana foram implementadas, como o estabelecimento de um *coworking* focado em agricultura no distrito de Parelheiros, no município de São Paulo.

Fontes: BACOCINA, Denize. De onde vem a comida que você come na cidade? Fast Company Brasil, 17 ago. 2021. Disponível em: < <https://fastcompanybrasil.com/coluna/de-onde-vem-a-comida-que-voce-come-na-cidade/> >. Acesso em 01 de maio de 2022.

SÃO PAULO. Prefeitura da Cidade de São Paulo. Projeto ligue os pontos. Relatório da Fase 1. out. 2018. Disponível em: < [https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2019/01/RELAT%C3%93RIO\\_SITE\\_PTBR.pdf](https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2019/01/RELAT%C3%93RIO_SITE_PTBR.pdf) >. Acesso em: 01 de maio de 2022.

SÃO PAULO. Prefeitura da Cidade de São Paulo. Projeto ligue os pontos. Relatório da Fase 2. Jun. 2019 a jun. 2020. Disponível em: < <https://drive.google.com/file/d/1dP8vYGbcxqdcMjtjelT0i9aRFZjujSj/view> >. Acesso em: 01 de maio de 2022. .

Ainda que pesquisas para entender o fenômeno por parte de organismos internacionais fossem comissionadas desde o fim dos anos 1970, foi apenas em 1994 que o cenário de desenvolvimento internacional deu um primeiro passo para iniciar uma governança global no assunto. Na ocasião do Colóquio Global de Prefeitos, o PNUD incluiu agricultura urbana como uma das seis ações necessárias para reduzir a insegurança alimentar e degradação ambiental. No ano seguinte inicia-se um movimento de inclusão da agricultura urbana em diversos programas de agências oficiais: o Reino Unido define um fundo dedicado a projetos e estudos de agricultura urbana; a Suécia inclui agricultura urbana em seu documento estratégico de atuação internacional; a Alemanha forma um departamento

multidisciplinar em agricultura urbana; e ONGs internacionais, como a *Care International*, passam também a alocar recursos para cooperação internacional na área. A nível local, algumas movimentações em regularizar a agricultura urbana era vista em algumas cidades do Sul Global, como Curitiba (Brasil) e Lusaka (Zâmbia) nos anos 1970<sup>24</sup>. Ainda no início dos anos 2000, segundo um estudo encomendado pelo Governo da Suíça<sup>25</sup>, o planeamento feito por governos locais com o intuito de desenvolver, aperfeiçoar e apoiar práticas e agricultores urbanos era praticamente inexistente – e ineficaz se avaliada a inclusão de setores da sociedade civil (como sindicatos e ONGs) e a intersecção do planeamento com outros temas, como meio ambiente, desenvolvimento social.

Com o estabelecimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) em 2000, a Declaração das Cidades e Outros Assentamentos Humanos em 2001, e os resultados da Conferência Global em Desenvolvimento Sustentável em 2002, as cidades passaram a receber mais atenção nos programas de desenvolvimento internacional visto que as projeções populacionais já apontavam uma concentração demográfica em cidades de países em desenvolvimento. Logo, os desafios globais a serem superados para alcance dos ODM perpassavam por Prefeituras e Governos estaduais/regionais<sup>26</sup>. No entanto, ainda que o estigma de que agricultura urbana significasse “atraso” tivesse sido reduzido, pouca vontade política era percebida para que se pudesse investir e priorizar a agricultura urbana como uma ferramenta de diminuição da fome e da má nutrição e de melhoria dos assentamentos informais e urbanização. Enquanto agricultores do campo já disfrutavam de diversas fontes de financiamento, alta modernização de seus processos e mínima garantia a longo prazo de seus estoques, os agricultores da cidade pouco eram reconhecidos em políticas públicas que lhes concedessem isenções ou incentivos fiscais e títulos para facilitação de acesso a programas

<sup>24</sup> SMIT, Jac. op. cit.

<sup>25</sup> BAUMGARTNER, Bettina; BELEVI, Hasan. **A Systematic Overview of Urban Agriculture in Developing Countries**. [S.l.:s.n.], 2001. Disponível em: < [http://www.urbano-zelenilo.org/wp-content/uploads/MATERIJALI%20ZA%20WEB/INOSTRANI/A\\_Systematic\\_Overview\\_of\\_Urban\\_Agriculture\\_in\\_Developing\\_Countries%20-.pdf](http://www.urbano-zelenilo.org/wp-content/uploads/MATERIJALI%20ZA%20WEB/INOSTRANI/A_Systematic_Overview_of_Urban_Agriculture_in_Developing_Countries%20-.pdf) >. Acesso em: 15 de maio de 2022.

<sup>26</sup> MOUGEOT, Luc (Ed.). **The Social, Political and Environmental Dimensions of Urban Agriculture**. London, Earthscan/International Development Research Centre, 2005. Disponível em: < <https://idl-bnc-idrc.dspacedirect.org/bitstream/handle/10625/28341/IDL-28341.pdf?sequence=47&isAllowed=y> >. Acesso em: 15 de maio de 2022.

nacionais ou internacionais de crédito<sup>27</sup>. Vale ressaltar que os trabalhadores do campo na cadeia agrícola também já possuem maior reconhecimento quanto à sua existência e importância no Brasil – cenário bastante diferente para trabalhadores agrícolas da cidade, que ainda são invisibilizados<sup>28</sup>.

No início dos anos 2000, com o início do primeiro Governo do Partido dos Trabalhadores (PT), a política externa brasileira ganha uma nova forma de atuação e a cooperação Sul-Sul do Brasil em segurança alimentar e nutricional intensificou a importância do assunto nacional e internacionalmente. A comunidade internacional acompanhou os resultados inéditos de redução da pobreza e da fome no Brasil com entusiasmo de replicar tais experiências em países com contextos socioeconômicos similares ao do Brasil. Dado que os programas nacionais de combate à fome que tiveram interesse internacional foram intensamente construídos por organizações da sociedade civil defensoras da agroecologia, o *boom* das cooperações técnicas e de ajuda humanitária do Brasil foram em grande parte construídas com a preocupação de exportar estruturas de programas sociais e conhecimento técnico já comprometidos com a agroecologia, como é o caso do PAA África<sup>2930</sup>. Outra contribuição importante para trazer relevância à agroecologia no desenvolvimento internacional foi a atuação do corpo diplomático brasileiro na reforma do Comitê para Segurança Alimentar Mundial das Nações Unidas (CSA), que passou a incluir um dispositivo para permitir a participação social no CSA e a criação de um corpo assessor chamado Painel de Alto Nível de Especialistas em Segurança Alimentar – ganhos fundamentais para facilitar a

<sup>27</sup> MOUGEOT, Luc. **Growing better cities** : urban agriculture for sustainable development. Ottawa: International Development Research Centre, 2006. Disponível em: < <https://idl-bnc-idrc.dspacedirect.org/bitstream/handle/10625/30554/IDL-30554.pdf?sequence=12&isAllowed=y> >. Acesso em: 15 de maio de 2022.

<sup>28</sup> A AGRICULTURA mora em mim: a face invisível das cidades. Direção e montagem: Cecília Figueiredo. Realização: AS-PTA – Agricultura Familiar e Agro-ecologia; Semeando Agroecologia. [S.l.], 2012. (online). Disponível em: < <https://aspta.org.br/2012/12/28/a-agricultura-mora-em-mim-a-face-invisivel-das-cidades/> >. Acesso em: 15 de maio de 2022.

<sup>29</sup> NEHRING, Ryan; MCKAY, Ben. Sustainable Agriculture: An Assessment of Brazil's Family Farm Programmes in Scaling up Agroecological Food Production. **One Pager**, n. 246, Brasília, mar. 2014. Disponível em: < <https://ipcig.org/sites/default/files/pub/en/IPCOnePager246.pdf> >. Acesso em: 15 de maio de 2022.

<sup>30</sup> Exemplifica-se o PAA África como cooperação internacional que foi influenciada pelo conhecimento agroecológico brasileiro, mas tal cooperação não se trata de um programa de agroecologia urbana. O foco do programa é na agricultura rural.

participação de movimento sociais, sindicalistas, entre outros na expansão internacional da prática agroecológica<sup>31</sup>.

A partir de 2010, inicia-se a organização de eventos para desenhar a próxima agenda global a dar continuidade aos ODM, a Agenda 2030. É na construção da Agenda 2030 que agricultura urbana e agroecologia ganham mais relevância, como mostra o Gráfico 3 abaixo. No entanto, a configuração final dos ODS ainda é frágil quanto ao reconhecimento da agroecologia urbana para alcançar principalmente o ODS 2 – Fome Zero e Agricultura Sustentável – e o ODS 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis.

Gráfico 3- Menção à agricultura urbana e agroecologia nos documentos preparatórios da Agenda 2030, na Agenda 2030 em si e nos documentos pós-Agenda.<sup>32</sup>



No ano em que a Agenda 2030 foi ratificada, nasce no cenário internacional o maior fórum multilateral inteiramente dedicado a discutir agricultura urbana – o Pacto de Milão para Política de Alimentação Urbana (MUFPP, da sigla em inglês). Legado da Expo Milan 2015, o Pacto estimula o intercâmbio de experiências entre cidades sobre como abordar concretamente problemas comuns relacionados à alimentação em territórios urbanos. Destacando a agroecologia como a forma de produção mais indicada para as cidades, o Pacto possui hoje 225 municípios

<sup>31</sup> MALUF, Renato S.; SANTARELLI, Mariana; PRADO, Veruska. **A cooperação brasileira em segurança alimentar e nutricional**: determinantes e desafios presentes na construção da agenda internacional. Rio de Janeiro: Centro de Referência em Segurança Alimentar e Nutricional, 2014. Disponível em: < [https://ceresan.net.br/wp-content/uploads/2016/docs/Cooperacao\\_Brasileira\\_em\\_SAN.pdf](https://ceresan.net.br/wp-content/uploads/2016/docs/Cooperacao_Brasileira_em_SAN.pdf) >. Acesso em: 15 de maio de 2022.

<sup>32</sup> Gráfico de produção autoral com base em portais da ONU. Atualização ao gráfico: no ano de 2022, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente publicou um guia de como a agricultura urbana é capaz de contribuir com pelo menos cinco ODS. Acesse aqui: <https://climainfo.org.br/2022/02/25/agricultura-urbana-promove-varios-objetivos-do-desenvolvimento-sustentavel/>.

signatários sendo sete do Brasil. Em 2019, a Prefeitura do Rio de Janeiro liderou a criação do Fórum Regional das Cidades Latino-Americanas Signatárias do Pacto de Milão e, em 2022, receberá o Fórum Global.

Até a escrita deste artigo não foram encontrados documentos disponíveis no portal oficial do Pacto<sup>33</sup> quanto aos avanços em política urbana alimentar das cidades signatárias e tampouco há material acadêmico extenso avaliando o Pacto. Em 2018, a FAO lançou o relatório *“The Role of Cities in the Transformation of Food Systems: Sharing Lessons from Milan Pact Cities”* que descreve todas as categorias do Pacto e exemplifica boas práticas das cidades signatários sem mencionar se tais práticas foram implementadas pelas cidades em decorrência do compromisso com o Pacto ou não<sup>34</sup>. Funcionárias do departamento de alimentação para o desenvolvimento da Prefeitura de Milão – órgão responsável pela coordenação executiva do Pacto – publicaram em 2017 o artigo *“The Milan Urban Food Policy Pact: the potential of food and the key role of cities in localizing SDGs”* que descreve o valor agregado que o Pacto pode apresentar às cidades signatárias, sem exemplificar casos de mudança sistêmica por ocasião do Pacto<sup>35</sup>. Um artigo mais recente, publicado em 2022, avaliou a influência do Pacto no desenvolvimento de políticas e programas locais em três Prefeituras: Valência e Madri, na Espanha, e Quito, no Equador<sup>36</sup>. Outras publicações que se destacam são

<sup>33</sup> Cf. o portal do Milan Urban Food Policy Pact no seguinte endereço eletrônico: < <https://www.milanurbanfoodpolicypact.org/> >.

<sup>34</sup> FOOD and Agriculture Organization of the United Nations (FAO). **The role of cities in the transformation of food systems: sharing lessons from Milan pact cities**. Rome: Food and Agriculture Organization of the United Nations, 2018. Disponível em: < <https://www.milanurbanfoodpolicypact.org/wp-content/uploads/2022/01/The-Role-Of-Cities-In-The-Transformation-Of-Food-Systems-Sharing-Lessons-From-Milan-Pact-Cities.pdf> >. Acesso em: 15 de maio de 2022.

<sup>35</sup> TEGONI, Cinzia; LICOMATI, Simone. The Milan Urban Food Policy Pact: The potential of food and the key role of cities in localizing SDGs. **JUNCO – Journal of Universities and international development Cooperation**, Turim, n. 1, 2017, p. 372-378. Disponível em: < <https://www.ojs.unito.it/index.php/junco/article/view/2173/1984> >. Acesso em: 15 de maio de 2022.

<sup>36</sup> MARTÍN, D.; DE LA FUERTE, R. Global and Local Agendas: The Milan Urban Food Policy Pact and Innovative Sustainable Food Policies in Euro-Latin American Cities. **Land**, Basel., v. 11(2), n.202, 2022. Disponível em: < <https://www.mdpi.com/2073-445X/11/2/202> >. Acesso em: 15 de maio de 2022.

as ferramentas de monitoramento e avaliação do Pacto<sup>37</sup> e seus respectivos indicadores de gênero<sup>38</sup>.

Nessa linha de evolução do reconhecimento da agricultura urbana e agroecologia no desenvolvimento internacional, é perceptível a ausência do reconhecimento da agroecologia urbana em si, enquanto conceito unificado. Repetidas vezes a agricultura urbana é citada como solução para segurança alimentar e nutricional em relatórios de atores do desenvolvimento sem que a contextualização de que tal agricultura precisa ser sustentável e seguir princípios de justiça social. Dado o histórico com a Revolução Verde, que surgiu para acabar a fome por meio do aumento da produção agrícola sem se preocupar com a distribuição e organização social da alimentação e agricultura, é preciso ter comprometimento e atenção redobrada a quais princípios de segurança alimentar e nutricional as organizações estão propondo. Percebe-se também uma tendência de citar a agroecologia nos relatórios, pactos e acordos internacionais sem ressaltar a urgência da reorganização urbana para acomodar e expandir espaços agrícolas. Para um mundo livre de fome e exploração, é preciso que a transição e expansão agroecológica ocorra não só no campo, mas principalmente nas cidades, e essa delimitação territorial deve estar explicitamente pautada e comprometida.

Nas últimas décadas viu-se uma rápida aceleração do deslocamento rural-urbano das populações mundo afora e é estimado que até 2050 as cidades abriguem 70% da população mundial<sup>39</sup>. Nesse processo, pessoas se mudam dos locais onde os alimentos são cultivados para locais dependentes de abastecimento externo de alimentos, com pouca ou nenhuma produção local ou metropolitana, sendo muitas vezes “desertos alimentares”. Isso coloca em risco os consumidores, principalmente aqueles com menor renda ou com acesso limitado a espaços de venda de alimentos frescos, especialmente em momentos de pane dos sistemas de produção e distribuição, como foi o caso com a pandemia do coronavírus. As muitas fraquezas

<sup>37</sup> MILAN URBAN FOOD POLICY PACT. Milan Urban Food Policy Pact Monitoring Framework – July 2018 version. Disponível em: < <https://www.fao.org/3/CB4029EN/CB4029EN.pdf> >. Acesso em: 15 de maio de 2022.

<sup>38</sup> YOUNG, Laine; LEE-SMITH, Diana; CAREY, Joy. Adding a Gender Lens to the Milan Urban Food Policy Pact Monitoring Framework. Urban Agriculture magazine, n. 37, jul. 2020, p. 9-12. Disponível em : < [https://cgspace.cgiar.org/bitstream/handle/10568/109186/UA-Magazine-37\\_web.pdf?sequence=1#page=9](https://cgspace.cgiar.org/bitstream/handle/10568/109186/UA-Magazine-37_web.pdf?sequence=1#page=9) >. Acesso em: 15 de maio de 2022.

<sup>39</sup> ONU prevê que cidades abriguem 70% da população mundial até 2050. **ONU News**. 19 fev. 2019. Disponível em: < <https://news.un.org/pt/story/2019/02/1660701> >. Acesso em: 15 de maio de 2022.

do sistema alimentar e agrícola, vulnerabilidades, problemas estruturais e desafios políticos estão sendo escancaradas de uma só vez como resultado da crise do coronavírus: “corrida às compras” por pânico de escassez, colapso de cadeias de suprimentos, trabalhadores agrícolas e de alimentos em maior risco, mais fome e desnutrição, e outros problemas devido à crise simultânea de tantas partes do sistema alimentar. Só no Brasil, entre 2020 e 2022, 14 milhões de novos brasileiros passaram a estar em situação de fome. Se comparado com os dados de 2018, última estimativa nacional antes da pandemia, o aumento da fome chega a 60%. Tal crise tem cor: 65% dos lares liderados por pessoas de raça/cor preta ou parda vivenciam insegurança alimentar. Já nas casas de pessoas autodeclaradas brancas, o índice chega a 46,8%<sup>40</sup>.

Há um crescente movimento da sociedade civil em muitas áreas urbanas ao redor do mundo para criar espaços para a produção urbana de alimentos, mas investimento público e aparato de mecanismos legais de reconhecimento e apoio continuam inadequados e desiguais. A agricultura urbana muitas vezes ainda é vista como parte periférica e insignificante do sistema alimentar. Cultivar alimentos nas cidades não é apenas uma questão de conveniência, estilo de vida ou tendência glamourizada que tem gentrificado bairros e cidades. Trata-se de construir resiliência e flexibilidade em sistemas alimentares e adaptá-los de forma ecológica e socialmente justa às demandas e dinâmicas sociais contemporâneas. Um sistema agroalimentar efetivamente sustentável não possui benefícios exclusivos à segurança alimentar e nutricional e alívio ao abastecimento alimentar de cidades e comunidades, mas justamente por ser holístico e à altura dos desafios atuais de ordem multisetorial, também pode garantir mudanças positivas para<sup>41</sup>:

1. Potencializar a mitigação dos riscos climáticos por meio da:
  - Criação de bolsões verdes em ou próximos a centros urbanos, diminuindo ilhas de calor e em benefício à flora, fauna e população locais.

<sup>40</sup> OLHE PARA A FOME. Portal da pesquisa "Olhe para a fome" (site). Disponível em: < <https://olheparaafome.com.br/> >. Acesso em: 15 de maio de 2022.

<sup>41</sup> BOSETTI, Cleber. A invisível que ganhou notoriedade em tempos de pandemia? Uma breve história da agricultura urbana. **Grupo de Pesquisa Análise Socioambiental no Planalto Catarinense** (portal eletrônico), 16 jul. 2020. Disponível em: < <https://asam.paginas.ufsc.br/observatorio-socioambiental/invisivel-notoriedade/> >. Acesso em: 15 de maio de 2022.

- Criação de reservas de água pelo aumento das áreas de infiltração.<sup>42</sup>
  - Redução da pegada de carbono se integrada a um sistema de gestão de resíduos.
2. Desenvolvimento comunitário e urbano, economia circular e solidária e cidadania ativa:
    - Geração de renda e de novos empregos diretos e indiretos em setores agrícolas, ornamentais, alimentares e culturais.
    - Sociabilidade comunitária e mais oportunidades para ação e interação cidadã em feiras agroecológicas, associações e cooperativas, hortas comunitárias e parques ecológicos e agroflorestais.
  3. Direito à cidade, mobilidade urbana e descentralização comercial-produtiva:
    - Democratização de espaços de lazer e trabalho, criando e/ou expandindo novos espaços de interação com a cidade.
    - Redução de deslocamentos, tanto em relação ao consumo quanto ao abastecimento, para acesso a alimentos frescos.<sup>43</sup>
    - Criação e/ou expansão de novos centros produtivos e comerciais com identidade cultural diversificada e territorializada.

<sup>42</sup> DELGADO, Cecília. Agricultura urbana, alterações climáticas e cidades: um triângulo latente em que urge trabalhar. **QUERCUS Ambiente**, [s.v.], jan.-fev. 2017, p. 6-7.. Disponível em: < [https://run.unl.pt/bitstream/10362/43156/1/Delgado\\_C.\\_2017.\\_Agricultura\\_Urbana\\_Altera\\_es\\_Climaticas\\_e\\_Cidades.\\_Um\\_tri\\_ngulo\\_latente\\_em\\_que\\_urge\\_trabalhar..pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/43156/1/Delgado_C._2017._Agricultura_Urbana_Altera_es_Climaticas_e_Cidades._Um_tri_ngulo_latente_em_que_urge_trabalhar..pdf) >. Acesso em: 15 de maio de 2022.

<sup>43</sup> BERTO, Rafael Sampaio. Agricultura urbana gera renda e reduz perdas no transporte. **AUN – Agência Universitária de Notícias**, São Paulo, 08 fev. 2021. Disponível em: < <https://aun.webhostusp.sti.usp.br/index.php/2021/02/08/agricultura-urbana-gera-renda-e-reduz-perdas-no-transporte/> >. Acesso em: 15 de maio de 2022.

**BOX 2 – DE DESERTO ALIMENTAR À CELEIRO URBANO PRODUTIVO E CRIATIVO:****O caso de Maricá, RJ.**

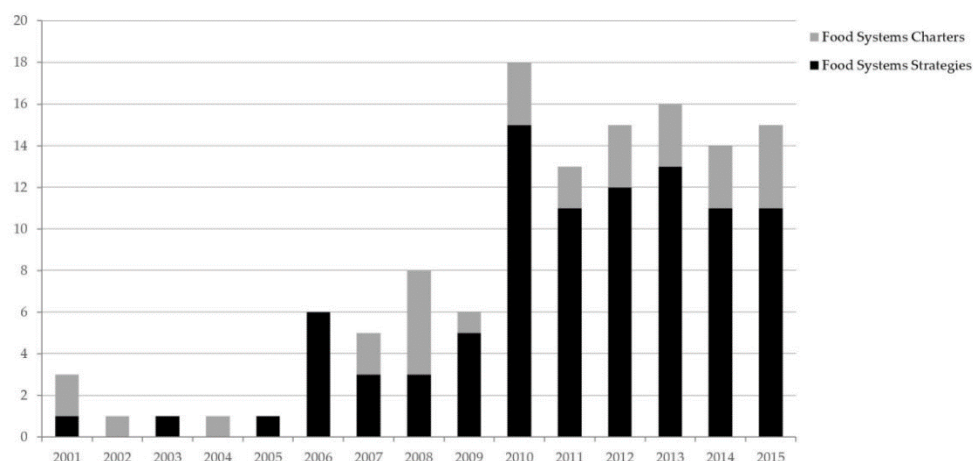
O município de Maricá, localizado na região metropolitana do Rio de Janeiro, recebe cerca de 3 bilhões de reais por ano de royalties de petróleo. Ainda assim, durante a greve dos caminhoneiros de 2018 o município se encontrou em um estado crítico de desabastecimento alimentar. Somado a um compromisso estratégico com agroecologia urbana assumido pelo prefeito Fabiano Horta (PT), este acontecimento foi o estopim para que a gestão expandisse os planos de agricultura urbana. Em vez de se concentrarem nos projetos de hortas agroecológicas com produção gratuita para a população e equipe mantenedora contratada com direitos trabalhistas – e não voluntária, como costuma acontecer –, a Prefeitura decidiu inaugurar uma fazenda pública cuja produção fosse distribuída para programas de alimentação escolar, hospitais, restaurantes populares, abrigos de idosos do município e distribuída para famílias em situação de vulnerabilidade social. Em 2021, a Fazenda Pública Joaquim Piñero, em homenagem ao dirigente do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, colheu 20 toneladas de abóbora oriundas de um cultivo de quatro meses. Toda a produção foi realizada sem agrotóxicos e a governança da Fazenda é realizada a partir de uma gestão comunitária mista, composta majoritariamente por moradores locais, mas também pesquisadores universitários, gestores públicos, técnicos e extensionistas. Com a inauguração da Fazenda e o funcionamento regular das praças agroecológicas, foi possível reativar a Feira da Agricultura Familiar do município que, para além de alimentos locais, também incentiva o circuito de artesãos e processadores de alimentos da cidade.

Fontes: Hortas urbanas resgatam agricultura familiar em Maricá, no RJ. Globo Rural. Rede Globo, 3 abr. 2022. (online). Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10446634/?s=0s>>. Acesso em: 15 de maio de 2022.

É importante destacar que essa linha do tempo do reconhecimento da agricultura urbana e agroecologia na esfera do desenvolvimento internacional é influenciada pelo contexto de estabelecimento de estratégias alimentares urbanas de cidades no Norte Global. Como mostra no gráfico 4 abaixo, até 2009 apenas 20 atores subnacionais (províncias, cidades, estados etc.) do Norte Global haviam implementado estratégias de alimentação urbana, enquanto entre 2010 e 2015 mais de 70 atores subnacionais passaram a implementar. Esse período de *boom* da formalização de estratégias voltadas para alimentação urbana culmina com o mesmo período de ganho de reconhecimento da agricultura urbana em relatórios, fóruns e órgãos multilaterais, como mostrou o gráfico 3 acima. A culminância pode ter sido uma coincidência de bons momentos de construção coletiva à nível internacional por conta do desenvolvimento da Agenda 2030. Porém, considerando

a influência desproporcional que o Norte Global possui nos órgãos multilaterais, principalmente do sistema ONU, em comparação ao Sul Global, sinaliza-se essa culminância como um possível sinal de não reconhecimento e/ou valorização das estratégias de agricultura urbana já desenvolvidas por diversas cidades do Sul Global desde os anos 1990<sup>44</sup>.

Gráfico 4 - Cartas e Estratégias de Sistemas Alimentares emitidas em nível subnacional em países desenvolvidos do Norte Global por ano de 2001 a 2015<sup>45</sup>



Ainda que a experiência da Revolução Verde tenha demonstrado que aumento de produção agrícola não resolve o problema da fome, em 2006 a Aliança para a Revolução Verde em África (*The Alliance for a Green Revolution in Africa – AGRA*) foi fundada com financiamento majoritário da Fundação Bill e Melinda Gates e complementar de governos, como Reino Unido, EUA e Alemanha. Mais um movimento incentivado pela filantropia a nível de desenvolvimento internacional que não deu muito certo. O objetivo principal da aliança era dobrar a renda de 30 milhões de famílias produtoras de alimentos com em redução da pobreza e da fome. Um estudo, porém, de ONGs alemãs, com grupos na Tanzânia, Quênia, Zâmbia e Mali constatou que nos países em que Aliança atua, o número de pessoas que sofrem de fome aumentou em 30%<sup>46</sup>.

<sup>44</sup> O trabalho *Urban Agriculture: Food, Jobs and Sustainable Cities*, lançado em parceria com o PNUD, contou com visita de campo a mais de 90 cidades do Sul Global durante 1991 e 2001 e registrou iniciativas pioneiras já formalizadas de agricultura urbana.

<sup>45</sup> MOUGEOT, Luc J. A.. *Urban Agriculture in Cities of the Global South: Four Logics of Integration*. In: IMBERT, Dorothee (ed.). *Food and the City: Histories of Culture and Cultivation*. Cambridge: Harvard University Press, 2015. p. 163-193.

<sup>46</sup> ROSA-LUXEMBURG-STIFTUNG et al. *False promises: The Alliance for a Green Revolution in Africa (AGRA)*. **GRAIN** (blog), 10 jul. 2020. Disponível em: < <https://grain.org/en/article/6499->

Em contrapartida, um novo movimento se formava em 2015: o Fórum Internacional da Agroecologia. Composto de delegações de movimentos sociais de trabalhadores da agricultura, incluindo povos indígenas, agricultores familiares, pescadores e trabalhadores da agricultura urbana, o evento aconteceu no Mali e contou com a presença de organizações como La Via Campesina, Movimento Agroecológica da América Latina e Caribe, Fórum Mundial dos Pescadores Populares, e resultou na Declaração de Nyéléni 2015. Esse documento estabeleceu os seguintes princípios<sup>47</sup>:

1. Promoção da produção agroecológica.
2. Compartilhamento de conhecimento.
3. Reconhecimento do papel central das mulheres.
4. Construção de economias locais.
5. Desenvolvimento e disseminação de uma visão agroecológica.
6. Construção de alianças.
7. Proteção da biodiversidade e recursos genéticos.
8. Resfriar o planeta e se adaptar às mudanças climáticas.
9. Denunciar e lutar contra captura corporativa e institucional da agroecologia.

Percebe-se que a organização institucional e/ou multilateral de espaços de debate e ação via sistema ONU e governos (seja via agências oficiais de ajuda ou representações subnacionais) em prol da agroecologia e agricultura urbana no cenário internacional é recente. Para alavancar a potência da agroecologia urbana na redução dos problemas listados na Agenda 2030, principalmente quanto aos ODS 2 e 11, é urgente o envolvimento de outros atores para financiar e agir com relação a essa pauta na velocidade que a urgência climática e a gravidade da fome demandam.

---

false-promises-the-alliance-for-a-green-revolution-in-africa-agra >. Acesso em: 15 de maio de 2022.

<sup>47</sup> International Forum for Agroecology. Sélingué (Mali): International Planning Committee for Food Sovereignty; Coordination Nationale des Organisations Paysannes, 2015. Disponível em: < <https://ag-transition.org/wp-content/uploads/2015/10/NYELENI-2015-ENGLISH-FINAL-WEB.pdf> >. Acesso em: 15 de maio de 2022.

## 4

# Filantropia e agroecologia urbana: panorama, oportunidades e vantagens de colaboração e experiências no Brasil

## 4.1 De qual filantropia estamos falando?

Dados os contextos históricos de evolução da filantropia e agroecologia urbana no cenário de desenvolvimento internacional, com menções a momentos de intersecção entre tais – convergentes ou não –, e entendendo que o argumento deste trabalho apoia o financiamento filantrópico à agenda de agroecologia urbana no Brasil, posiciona-se agora quais formatos e abordagens de financiamento e filantropia são incentivados. Certamente, incentiva-se uma dinâmica bem diferente da qual a Fundação Bill e Melinda Gates tem realizado no continente africano até a data deste arquivo<sup>48</sup>.

---

<sup>48</sup> GRAIN. Como a Fundação Gates está conduzindo o sistema alimentar na direção errada. **GRAIN** (blog), 20 jul. 2021. Disponível em: < <https://grain.org/en/article/6704-como-a-fundacao-gates-esta-conduzindo-o-sistema-alimentar-na-direcao-errada> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

**BOX 3 – APOIANDO PAÍSES AFRICANOS FINANCIANDO ORGANIZAÇÕES DO NORTE GLOBAL: O controverso *grantmaking* da Fundação Bill e Melinda Gates (BMGF).**

Maior fundação filantrópica em total de dólares doados, de 2016 a 2019 a BMGF foi responsável por 38% de todo o financiamento filantrópico feito entre mais de 205 fundações monitoradas pela OCDE. No entanto, dinheiro não é tudo. Tratando-se de mudança social e, principalmente, de filantropia, onde objetivos corporativos podem se camuflar facilmente em *grantmaking*, é preciso ter também abordagem metodológica e de prática coerente.

Um levantamento feito pela organização sem fins lucrativos *GRAIN* atesta que 82% dos apoios realizados pela BMGF em seu portfólio de agricultura foi para organizações baseadas na América do Norte e Europa, e 10% para grupos baseados na África. Fluxo bastante controverso para uma Fundação que afirma que 80% de seus apoios se destinam a agricultores africanos. Ainda que tais organizações tenham atuação no continente africano, tendências contemporâneas de *grantmaking* apontam que para alcançar o potencial máximo da transformação social pela filantropia, é preciso investir em organizações baseadas nos territórios que se almeja impactar. Essa estratégia parece demonstrar pouca credibilidade nas organizações africanas que apoiam agricultores africanos.

Fonte: GRAIN. Como a Fundação Gates está conduzindo o sistema alimentar na direção errada. GRAIN (blog), 20 jul. 2021. Disponível em: < <https://grain.org/en/article/6704-como-a-fundacao-gates-esta-conduzindo-o-sistema-alimentar-na-direcao-errada> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

No Brasil, o termo ‘filantropia’ é comumente associado a organizações sociais religiosas (hospitais, obras sociais, assistência social religiosa etc.) ou a ‘esquemas de corrupção’, em que organizações de caridade são usadas para fins ilegais. Levando isso em consideração, quando o Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (GIFE) foi criado em 1989, optou por utilizar o conceito ‘investimento social privado’ que, apesar de ter o mesmo significado, aparece para se diferenciar do estigma associado à filantropia. O GIFE é hoje a maior rede de fundações filantrópicas no Brasil, contando com 160 fundações associadas. Acreditando que conceitos passam por disputas de narrativas e ressignificações importantes, este trabalho utilizará o termo ‘filantropia’, posicionamento compartilhado também pela [Rede de Filantropia para a Justiça Social](#), até mesmo para demonstrar como conceitos e práticas podem evoluir e se aperfeiçoarem ao longo dos anos – evitando,

assim, uma ruptura conceitual que pode dificultar uma unificação de linha de evolução no tempo<sup>49</sup>.

Caracteriza-se como filantropia o “repasso voluntário de recursos privados de forma planejada, monitorada e sistemática para projetos sociais, ambientais, culturais e científicos de interesse público”<sup>50</sup>. Dois dos principais princípios que diferenciam a filantropia do assistencialismo são os comprometimentos com estratégia e prática voltada para a transformação e autonomia social, e participação ativa da comunidade no desenvolvimento de estratégias, metodologias e práticas, principalmente das pessoas envolvidas enquanto público beneficiado. O GIFE reconhece três tipos de fundações filantrópicas, que utilizando as palavras da própria organização, caracterizam-se da seguinte forma:

1. Filantropia empresarial: “Associações e fundações empresariais são organizações sem fins lucrativos criadas e mantidas por uma empresa ou seus acionistas. São geridas por pessoas ligadas à empresa que as mantém.”<sup>51</sup> [Fundação Grupo Boticário](#), [Itaú Social](#) e [Instituto Gerdau](#) são alguns exemplos. São 82 fundações filantrópicas empresariais e 19 empresas associadas ao GIFE.
2. Filantropia familiar: “Associações e fundações familiares são organizações sem fins lucrativos criadas e mantidas por uma família ou indivíduo que também se envolve na governança e/ou gestão da organização. São geridas de forma independente das empresas da família.”<sup>52</sup> [Fundação Tide Setúbal](#) (filantropa Maria Alice ‘Neca’ Setúbal, socióloga e herdeira da família fundadora do Banco Itaú), [Instituto Ibirapitanga](#) (filantropo Walter Salles, cineasta e herdeiro da família fundadora do Unibanco) e [Instituto Arapyauú](#) (filantropo Guilherme Leal, acionista da empresa brasileira de cosméticos

<sup>49</sup> HARTNELL, Caroline; MILNER, Andrew. **Philanthropy in Brazil**: a working paper. [s.l.]: Philanthropy for Social Justice and Peace; Alliance; WINGS; Rede de Filantropia Para a Justiça Social, 2018. Disponível em: < <http://www.psjp.org/wp-content/uploads/2018/05/PHILANTHROPY-IN-BRAZIL-MAY-2018.pdf> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>50</sup> Investimento Social Privado. **GIFE** (site). Portal do Grupo de Institutos, Fundações e Empresas, associação de investidores sociais privados do Brasil. Disponível em: < <https://gife.org.br/investimento-social-privado/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>51</sup> Ibid.

<sup>52</sup> Ibid.

Natura) são alguns exemplos. São 23 fundações dessa categoria associadas ao GIFE.

3. Filantropia independente: “Associações e fundações independentes são organizações sem fins lucrativos mantidas geralmente por mais de uma organização ou indivíduo. Sua gestão e governança podem assumir diversos e variados formatos, não estando vinculados institucionalmente a uma única empresa, família ou organização.”<sup>53</sup> [Fundo Casa Socioambiental](#), [Fundo Positivo](#) e [Instituto Clima e Sociedade](#) são alguns exemplos. São 18 fundações dessa categoria associadas ao GIFE.

A análise deste trabalho se concentra na atuação das fundações filantrópicas familiares e independentes ou alianças e redes majoritariamente formadas por esses tipos de fundações localizadas no Brasil ou que financiem organizações no Brasil. Quanto à análise das organizações financiadas, o trabalho se concentrará na análise de organizações não-governamentais (ONGs) localizadas no Brasil.

Sendo estes os formatos principais de fundações filantrópicas, é preciso qualificar a forma como o *grantmaking* da organização ocorre – quando ocorre. *Grantmaking* (sem tradução literal para o português, sendo “estratégia de atuação” uma expressão próxima ao significado) é “o repasse de recursos financeiros (*grants*), de forma estruturada, para organizações ou iniciativas de interesse público, diferenciando-se, assim, da operacionalização de projetos próprios”<sup>54</sup>. Os receptores do *grant* são chamados de *grantees*, ou organizações apoiadas.

Historicamente, as fundações filantrópicas brasileiras pouco concentram seus esforços de atuação em *grantmaking*, mas na implementação de projetos e programas feitos sob regime de contratação de organizações da sociedade civil (OSCs). Nesse modelo o apoio é feito à organização, mas a maior parte da tomada de decisão e controle dos recursos permanece com o investidor, estando a organização contratada responsável apenas pela gestão, territorialização do projeto

<sup>53</sup> Ibid.

<sup>54</sup> GIFE. **Boas práticas na relação entre financiadores e donatários** (Notas técnicas n. 2). São Paulo: GIFE, 2020. Disponível em: < <https://www.fundacaoabh.org.br/wp-content/uploads/2021/07/BOAS-PRATICAS-NA-RELAC%CC%A7A%CC%83O-FINANCIADORES-DONATARIOS.pdf> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

e mobilização do público a ser beneficiado<sup>55</sup>. Tratando-se de fundações familiares, não é incomum perceber que as soluções e metodologias escolhidas para os programas das fundações vão de encontro com temas que sensibilizam à família em primeiro plano, e não necessariamente porque dialogam com as necessidades reais do território de atuação. Essa estrutura pode ser uma barreira para que OSCs tenham autonomia de realizar diagnósticos horizontalizados e participativos de como promover soluções sociais por meio de programas, projetos e atividades que dialogam com a linguagem, estética, disponibilidade e necessidades do público a ser beneficiado. O *grantmaking* aparece justamente como uma abordagem entre financiador e *grantee* com base na construção colaborativa, confiança e parceria com autonomia para que o *grantee* implemente suas próprias estratégias de mudança social, colaborando para um espaço mais propício à inovação por conta da flexibilidade, inclusão e metodologias mais respeitosas e menos paternalistas de gestão social<sup>56</sup>.

Resultado de muitos esforços de *advocacy* da sociedade civil, em 2020 o Censo GIFE registrou maior percentual de fluxo de financiamento de apoio a terceiros (*grantmaking*) do que alocação para iniciativas próprias das fundações dentre 131 organizações filantrópicas de todos os tipos<sup>57</sup>. Dada a influência da crise provocada pela pandemia do coronavírus na atuação das organizações participantes do Censo, não há evidências concretas quanto à continuidade dessa priorização de apoio. De qualquer forma, a experiência de *grantmaking* – inédita a algumas dessas organizações nesse período – foi essencial para que esse formato de apoio a transformações sociais por meio do fortalecimento da sociedade civil se consolide.

Para além do formato do apoio, qualificar a abordagem de como o *grantmaking* se estabelece é indispensável. Neste trabalho, defende-se uma abordagem guiada pelos princípios da filantropia comunitária entendendo-a como uma das formas mais respeitosas para estabelecer parcerias entre financiador e

<sup>55</sup> SKLAIR, Jessica. Investimento de impacto e grantmaking: visões conceituais distintas para o investimento social privado brasileiro. Artigos Gife, São Paulo, v. 2, n. 1, 2020. Disponível em: < <https://www.fundacaoabh.org.br/wp-content/uploads/2021/07/INVESTIMENTO-DE-IMPACTO-E-GRANTMAKING-VISOES-CONCEITUAIS-DISTINTAS.pdf> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>56</sup> Ibid.

<sup>57</sup> GIFE. Censo GIFE 2020 registra mobilização de 5,3 bilhões pelo ISP. **GIFE**, 06 dez. 2021. Disponível em: < <https://gife.org.br/censo-gife-2020-registra-mobilizacao-de-53-bilhoes-pelo-isp/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

*grantee*. A filantropia comunitária é uma forma de desenvolver recursos, talentos, capacidades e confianças a nível local, potencializando o poder das lideranças e coletivos dos territórios de forma que tenham mais controle do seu próprio destino<sup>58</sup>. Nesse sentido, prioriza-se apoiar organizações que estejam próximas ou sejam formadas por pessoas que façam parte do grupo social a ser beneficiado. Ou seja, se o objetivo do financiador é de apoiar um determinado território, deve ser priorizado que uma organização deste território receba o financiamento, e não uma organização externa ao território em questão.

Soma-se à valorização da autonomia comunitária uma urgência de financiamento que dialogue com os reais custos de manter uma OSC, de forma flexível e a longo prazo. Durante a pandemia, uma pesquisa do *Center for Effective Philanthropy*<sup>59</sup> constatou que de 280 fundações familiares entrevistadas, 60% afrouxaram as restrições orçamentárias – ou seja, providenciando mais autonomia e liberdade com o desembolso do apoio financeiro aos *grantees* – e flexibilizaram os processos de prestação de contas<sup>60</sup>. Ainda que sob circunstâncias adversas, esse cenário demonstrou que é possível estabelecer processos menos morosos e mais condizentes com as infraestruturas disponíveis dos *grantees*. Esse *timing* foi o que impulsionou o início do movimento *Funding For Real Change* (Financiamento pela Mudança Real, tradução livre), que já conta com doze financiadores de grande porte, como *Oak Foundation* e *Ford Foundation*<sup>61</sup>.

O pressuposto desse movimento vem de que as organizações sem fins lucrativos estão sendo subfinanciadas e isso as impede de atingirem seu pleno potencial. Isso acontece porque muitas fundações, ainda que sob a estratégia de *grantmaking*, condicionam seus financiamentos a projetos específicos dos *grantees*.

<sup>58</sup> REDE DE FILANTROPIA PARA A JUSTIÇA SOCIAL. **Expandindo e fortalecendo a filantropia comunitária no Brasil**. Rio de Janeiro: Ape'Ku, Selo Doar para Transformar, 2021. Disponível em: [https://www.redefilantropia.org.br/\\_files/ugd/aa2290\\_d0d30a61946a4d909e4714863ab03c60.pdf](https://www.redefilantropia.org.br/_files/ugd/aa2290_d0d30a61946a4d909e4714863ab03c60.pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>59</sup> Organização sem fins lucrativos baseada no Estados Unidos com a missão de fornecer e gerar dados para que os financiadores filantrópicos possam melhorar sua eficácia.

<sup>60</sup> BUTEAU, Ellie Buteau; ORENSTEN, Naomi; MAROTTA, Satia. **Foundations respond to crisis: Lasting Change?** Cambridge: CEP - Center for Effective Philanthropy, 2021. Disponível em: [https://cep.org/wp-content/uploads/2021/11/CEP\\_Foundations-Respond-to-Crisis-Lasting-Change.pdf](https://cep.org/wp-content/uploads/2021/11/CEP_Foundations-Respond-to-Crisis-Lasting-Change.pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>61</sup> FUNDING FOR REAL CHANGE. Homepage do movimento de ajuda filantrópica Funding for real Change. Disponível em: < <https://www.fundingforrealchange.com/join-this-movement> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

Ou seja, custos administrativos de operação de equipe, escritório e outras manutenções institucionais – também chamados de *overhead* ou *indirect costs* – ficam de fora desses financiamentos restritos ou são subfinanciados<sup>62</sup>. Essa prática gera uma série de problemas para as organizações financiadas:

1. Equipe contratada sob regimes com pouca proteção ao trabalhador, sem direito a benefícios sociais e sob contratos temporários e jurídicos (*consultancy contracts*), em vez de celetistas (*permanent contracts*), adequando a linguagem ao contexto do Brasil.
2. Ciclo de “inanição” pós término de financiamento do projeto, com dificuldade de manter equipe para buscar novas fontes de recursos.
3. Pouca sustentabilidade financeira a longo prazo, colocando em risco o funcionamento contínuo e regular das organizações.
4. 42% têm menos de 3 meses de reservas operacionais, segundo uma pesquisa feita com 38 ONGs pela Humentum<sup>63</sup>.

Organizações menores possuem custos de *overhead* mais altos por estarem em processos de estruturação da instituição (estabelecimento de políticas institucionais, organograma, plano de cargos e salários, plano estratégico e metodológico). É comum que organizações menores sejam lideradas por pessoas não-brancas e localizadas fora de grandes centros urbanos. Considerando a tendência das fundações pouco financiarem custos de *overhead*, essa prática acaba perpetuando outras desigualdades, para além de organizacionais.

Logo, o movimento *Funding for Real Change* defende que para que o financiamento filantrópico possa ser realmente capaz de potencializar as organizações sem fins lucrativos a transformar ecossistemas da sociedade, o apoio deve ser feito de forma que cubra de forma justa os custos institucionais, principalmente de equipe, de forma irrestrita – ou seja, sem estar atrelado a linhas orçamentárias pré-fixadas ou restringidas à execução de determinados projetos – e disponíveis a longo prazo e plurianual. Dessa forma, é reconhecido que mudanças

<sup>62</sup>BOYES-WATSON, Tim; BORTCOSH, Siham. **Breaking the Starvation Cycle: How international funders can stop trapping their grantees in the starvation cycle and start building their resilience** (Executive summary). [s.l.]: Humentum, 2022. Disponível em: <<https://humentum.org/wp-content/uploads/2022/03/Humentum-ACR-Research-Report-Executive-Summary-FINAL.pdf>>. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>63</sup> Ibid.

transformadas levam mais do que um ou dois anos para acontecer e para que organizações consigam influenciar em tais mudanças, é preciso que a infraestrutura institucional esteja segura e sustentável. Por exemplo, evitando que a equipe tenha que ser recontratada a cada novo projeto e providenciando um ambiente de trabalho sustentável e respeitoso quanto a direitos sociais, sem baixa remuneração de mão de obra<sup>64</sup>.

No ecossistema brasileiro, além do GIFE e da Rede de Filantropia para a Justiça Social, a Iniciativa Pipa, lançada em novembro de 2021, nasce para também qualificar práticas filantrópicas respeitosas, sustentáveis e condizentes com as urgências sociais do país: democratização de recursos e aproximação de organizações periféricas e de favela a recursos<sup>65</sup>. Um diagnóstico feito pela Iniciativa já aponta que “90% das organizações dos coletivos, movimentos e organizações de base favelada e periférica enfrentam barreiras para acessar financiamento e um terço gere menos de R\$ 5 mil ao ano”<sup>66</sup>. Esse dado só ressalta a necessidade por financiamentos justos, cada vez mais comunitários e que cubram gastos efetivos de toda uma organização, e não só de projetos e programas. Iniciativas como a Pipa são imprescindíveis para fortalecer a incidência e monitoramento crítico do financiamento filantrópico, defendendo metodologias de *grantmaking* respeitosas com as comunidades e povos apoiados.

Um último ponto a ser ressaltado sobre abordagem do *grantmaking* é quanto ao caráter participativo da tomada de decisão e transparência. *Participatory grantmaking* cede o poder de decisão sobre o financiamento – incluindo estratégia e critérios por trás das decisões – às comunidades afetadas pelo financiamento<sup>67</sup>. Por meio de processos envolvendo não só os *grantees*, mas o público com o qual

<sup>64</sup> FUNDING FOR REAL CHANGE. Op. Cit.

<sup>65</sup> HENRIQUE, Gelson; DECOTHÉ, Marcelle; SANTIAGO, Raull. Por que é urgente democratizar o investimento social privado no Brasil? **Rede de Filantropia para a Justiça Social**, 9 nov. 2021. Disponível em: < <https://www.redefilantropia.org.br/post/por-que-%C3%A9-urgente-democratizar-o-investimento-social-privado-no-brasil> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>66</sup> Idem. Futuro da filantropia é a descentralização de recursos. **Portal Geledés**, 08 jul. 2022. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/futuro-da-filantropia-e-a-descentralizacao-de-recursos/#:~:text=Imagine%20um%20mundo%20onde%20organiza%C3%A7%C3%B5es,entre%20si%20recursos%20para%20sobreviver.> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>67</sup> PATERSON, Hannah. **Grassroots Grantmaking: Embedding Participatory Approaches in Funding - A Winston Churchill Fellowship Report**. [s.l.]: Winston Churchill Memorial Trust, 2020. Disponível em: < [https://media.churchillfellowship.org/documents/Paterson\\_H\\_Report\\_2019\\_Final.pdf](https://media.churchillfellowship.org/documents/Paterson_H_Report_2019_Final.pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

os *grantees* trabalham, é possível incluir e compartilhar decisões quanto a temas a serem financiados, formas de monitoramento e avaliação dos impactos dos financiamentos, territórios a serem priorizados, entre outros.

Para que a filantropia possa alavancar seu potencial à agenda de agroecologia urbana, sua forma de financiamento não pode não ser sinérgica com os princípios agroecológicos descritos no capítulo anterior, principalmente no que tange à soberania dos povos e condições de vida apropriadas.

## 4.2 De qual agroecologia urbana estamos falando?

Com a pressão advinda de múltiplos fóruns multilaterais para reduzir a emissão de carbono, os setores de agronegócio e agropecuária, sabendo que são os maiores responsáveis por tais emissões, tem iniciado uma corrida de transição para uma agricultura mais sustentável e socialmente palatável para opinião pública. Como explicado no capítulo 2, práticas de sustentabilidade podem ser exclusivamente técnicas ou socialmente transformadoras, o que inclui não só o saber técnico, mas novas estruturas políticas e econômicas. Para se aproximar de um debate mais aceito dentro dos fóruns críticos ao modelo vigente de alta pegada de carbono do agronegócio e agropecuária, grandes alianças corporativas têm cooptado princípios agroecológicos, despolitizando o projeto de poder dessa agenda e absorvendo apenas os princípios técnicos da transição agroecológica<sup>68</sup>. A cooptação da ciência agroecológica por parte de grandes corporações é, inclusive, a maior preocupação da Articulação Nacional de Agroecologia atualmente<sup>69</sup>.

O mais grave não é só a despolitização do movimento agroecológico, mas a narrativa de que sob essas adoções mais ‘sustentáveis’, os desafios globais da agricultura serão resolvidos com impacto mensurável e transformador, como é o slogan da ‘*Sustainable Agriculture Initiative*’ (SAI), composta por empresas como Coca-Cola e outros conglomerados de marcas de bebidas altamente dependente de

---

<sup>68</sup> HOLT-GIMÉNEZ, Eric; ALTIERI, Miguel. Agroecology, Food Sovereignty and the New Green Revolution. **Journal of Sustainable Agriculture**, v. 37, 2012, Disponível em: < <https://www.researchgate.net/publication/271940532> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>69</sup> SÁ, Eduardo. “É preciso entender a agroecologia como uma ciência capaz de transformar a realidade”, destaca presidenta da ABA. **Associação Nacional de Agroecologia**, 19 abr. 2021. Disponível em: < <https://agroecologia.org.br/2021/04/19/e-preciso-entender-a-agroecologia-como-uma-ciencia-capaz-de-transformar-a-realidade-destaca-presidenta-da-aba/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

reservas de água para suas indústrias<sup>70</sup>. Como aponta o relatório ‘*Junk Agroecology*’<sup>71</sup>, não há transição agroecológica e resolução dos problemas da fome e condições de vida e trabalho adequados aos trabalhadores da agricultura sem justiça social – isso depende de uma transição agroecológica completa, inclusive e principalmente socialmente justa. O trabalho mapeou mais duas iniciativas além da SAI, compostas majoritariamente por corporações ou organizações facilitadoras de parcerias público-privado, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial, que carregam esse falso comprometimento de “intensificação sustentável da agricultura com nuances agroecológicas”<sup>72</sup>, sendo elas:

1. [New Vision for Agriculture](#) (NVA), liderada pelo Fórum Econômico Mundial com composição mista entre organizações internacionais, centros de pesquisa e universidades, empresas e gestores públicos.
2. [New Food and Land Use Economy Coalition](#) (FOLU), liderada pela Alliance for a Green Revolution in Africa (AGRA) – aliança fortemente financiada pelo Bill e Melinda Gates Foundation, Sustainable Development Solutions Network (SDSN), World Business Council for Sustainable Development (WBCSD) e outras organizações com e sem fins lucrativos com atuação internacional.

Dentre essas três alianças, chama atenção a FOLU, que tem sido financiada por fundações filantrópicas como [Gordon and Betty Moore Foundation](#) e [MAVA Foundation](#), apesar de possuir uma estratégia de atuação que não passa de uma repaginação moderna da proposta da Revolução Verde de décadas passadas. Como já destacado nesse trabalho, não é por meio do aumento da produção agrícola que a fome será reduzida ou extinta. Desde 2016, há evidências de que a produção agrícola mundial já é suficiente para suprir a demanda alimentar toda a população

<sup>70</sup> SUSTAINABLE AGRICULTURE INITIATIVE. A SAI Platform é uma das principais iniciativas globais da cadeia de valor de alimentos e bebidas para a agricultura sustentável. Disponível em: < <https://saipatform.org/who-we-are/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>71</sup> ALONSO-FRADEJAS, A. et al (2020) ‘Junk Agroecology’: The corporate capture of agroecology for a partial ecological transition without social justice. [s.l.] Friends of the Earth International; Transnational Institute; Crocevia, 2020. Disponível em: < [https://www.tni.org/files/publication-downloads/38\\_foei\\_junk\\_agroecology\\_full\\_report\\_eng\\_lr\\_0.pdf](https://www.tni.org/files/publication-downloads/38_foei_junk_agroecology_full_report_eng_lr_0.pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>72</sup> HELD, Lisa. Is Agroecology Being Co-Opted by Big Ag? **Civil Eats**, 20 abr. 2021. Disponível em: < <https://civileats.com/2021/04/20/is-agroecology-being-co-opted-by-big-ag/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

do planeta<sup>73</sup> A questão é como tem ocorrido sua distribuição social. A FOLU, ao priorizar em seus objetivos os pilares de i) sistemas agrícolas eficientes e resilientes, ii) conservação e restauração da biodiversidade e iii) segurança alimentar e dietas saudáveis, destacando que o “aumento da produtividade agrícola através da ‘intensificação sustentável do setor com a adoção de elementos agroecológicos e melhor funcionamento dos mercados agrícolas’”<sup>74</sup> é a chave para a construção do primeiro pilar, replica a lógica de que a pobreza rural está atribuída à baixa produtividade de pequenos produtores e pouco acesso a grandes cadeias comerciais de distribuição. Para combatê-la, sugere como solução *transformadora* a inserção de pequenos produtores rurais em cadeias globais de *commodities*, citando como exemplos os trabalhos das empresas *Olam* e *Unilever* – um dos maiores conglomerados de marcas de alimentos do mundo<sup>75</sup> – e repetindo a comoditização promovida pela Revolução Verde para diminuição da pobreza e da fome.

Certamente, não é esse tipo de aliança e organizações de agroecologia que o financiamento filantrópico precisa apoiar para que transformações reais no cenário complexo de fome, pobreza e mudanças climáticas aconteçam. Neste trabalho, qualifica-se como organizações de agroecologia urbana adequadas àquelas populares e camponesas, que praticam mudanças horizontalizadas, cidadãs, politicamente comprometida com a redução das desigualdades econômicas e autonomia de povos historicamente marginalizados e dizimados pelo Estado e imperialismo. Importante ressaltar que organizações, alianças e movimentos sociais populares que valorizam formas de conhecimento experimentais e transmitidos de gerações em gerações, não necessariamente carecem de evidências científicas ou excluem processos integrados a tecnologias contemporâneas. Para a agroecologia, interessa se tais processos, formas de trabalho, produção e transmissão de conhecimento e experiências estão sendo feitos sem exploração e sacrifícios socioeconômicos, raciais e de gênero respeitando à conservação da natureza e gerações futuras.

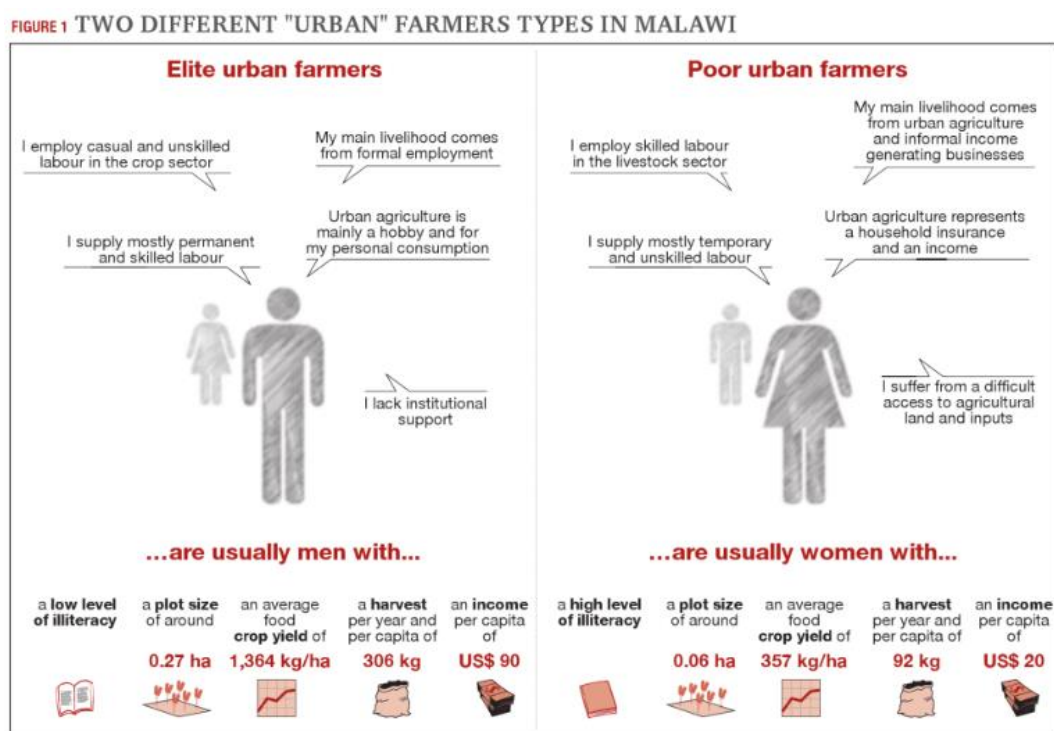
<sup>73</sup> IANDOLI, Rafael. Mundo produz comida suficiente, mas fome ainda é uma realidade. Nexo Jornal, 02 set. 2016. Disponível em: < <https://www.nexojournal.com.br/explicado/2016/09/02/Mundo-produz-comida-suficiente-mas-fome-ainda-%C3%A9-uma-realidade> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>74</sup> Ibid

<sup>75</sup> AS DEZ multinacionais que controlam o mercado mundial de alimentos. **BBC News Brasil**, 30 out. 2016. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/geral-37710637> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

Quando considerado o ambiente urbano, as nuances de desigualdades se intensificam pela complexidade territorial de cidades considerando as gentrificações ocorridas quando um bairro se torna mais ecológico, seja em terreno produtivo ou oferta de consumo de produtos orgânicos e locais. É possível identificar empreendimentos comerciais e/ou agrícolas elitizados que *surfam* em tendências glamourizadas, como o movimento “foodie”, e se sobrepõem com privilégios de redes e econômicos a agricultores urbanos tradicionais. Um estudo feito no Malawi identificou os dois perfis mais populares de agricultores urbanos no país e é escancarada as diferentes desvantagens que agricultoras mais pobres possuem. Inclusive, a autora não encontrou estudo similar para o contexto brasileiro e destaca essa como uma oportunidade para colaboração com a filantropia a fim de contribuir à agenda de agroecologia urbana.

Gráfico 5- "Dois tipos diferentes de agricultores urbanos no Malaui"<sup>76</sup>



<sup>76</sup> JACQUET, Pierre; PACHAURI, Rajendra K.; TUBIANA, Laurence (Ed.) Towards Agricultural Change? [s.l.]: The Energy and Resources Institute, TERI, 2012. Disponível em: < [https://books.google.com.br/books?id=doWzBAAQBAJ&newbks=1&newbks\\_redir=0&printsec=frontcover&dq=towards+agricultural+change%3F&hl=pt-BR&redir\\_esc=y#v=onepage&q=towards%20agricultural%20change%3F&f=false](https://books.google.com.br/books?id=doWzBAAQBAJ&newbks=1&newbks_redir=0&printsec=frontcover&dq=towards+agricultural+change%3F&hl=pt-BR&redir_esc=y#v=onepage&q=towards%20agricultural%20change%3F&f=false) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

A falta de formalização de políticas públicas e processos democráticos de acesso aos mercados gera uma desigualdade que vai muito além da econômica ou produtiva quando se trata de agroecologia *urbana*. Redes de apoio e contato informais se mostram um apoio vital para *driblar* a desregulação da agricultura no ambiente urbano: feiras de rua pouco regulamentadas misturam produtores orgânicos/agroecológicos e não-orgânicos, gerando disputa incorreta de preços e pouca conscientização da diferença dos produtos. Além disso, a maioria dos sítios de produção urbana não possuem certificação, o que além de dificultar acesso a programas sociais e crédito, podem trazer problemas fitossanitários.

Movimentos sociais, organizações sem fins lucrativos, cooperativas e sindicatos urbanos de agricultores e trabalhadores da alimentação que possuem como missão a formalização dos espaços produtivos urbanos, democratização dos acessos a redes de comercialização, extensão e apoio técnico, *advocacy* a políticas públicas municipais de agroecologia de regulamentação e financiamento público, campanhas de educação cidadã e popular a pessoas de todas as idades para formação em agroecologia urbana e direito à cidade são os *grantees* visualizados como adequados neste trabalho para receberem financiamento.

No Brasil, duas iniciativas da sociedade civil mapearam organizações, inclusive em territórios urbanos, que dialogam com os princípios da agroecologia popular e cidadã aqui descritos. São eles:

1. [Mapa da Agroecologia](#), fruto do 10º Congresso Brasileiro de Agroecologia em 2017 que conta com 49 organizações formais e mais de 290 experiências pela América Latina e África.
2. [Mapa Municípios Agroecológicos](#), resultado de um levantamento inédito da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) em 520 municípios em todos os estados brasileiros com 43 organizações cadastradas de agricultura urbana.

Além desse perfil organizacional, sugere-se que os projetos apoiados para o avanço da agroecologia urbana não sejam apenas focados na viabilização da regulamentação e/ou expansão de terrenos produtivos, mas em alavancar a agroecologia como uma ferramenta política. Ou seja, que a agroecologia seja uma ferramenta de (re)desenvolvimento urbano visando um urbanismo agroecológico

em que as tomadas de decisão dos órgãos públicos sejam feitas de forma participativa em linguagem, plataformas, espaços e estéticas adequadas e compatíveis com a realidade das populações interessadas no assunto em questão. Políticas alimentares urbanas sozinhas não são capazes de providenciar a autonomia necessária a agricultores urbanos e habitantes da cidade como um todo, mas, sim, um conjunto de práticas do Estado em diferentes níveis e organizações da sociedade civil, inclusive financiadores, escolas e universidades, em prol de uma reconfiguração agroecológica do funcionamento cidades. Isso inclui pensar não só a alimentação e a forma de se fazer política descritas acima, mas as condições de controle popular do conhecimento, recursos e abordagens em que os produtos da agricultura urbana – seja alimentar, medicinal, ornamental, pecuarista etc. – são preparados, consumidos, comercializados, metabolizados, armazenados e transportados. Aqui, considera-se, então, incidir não só em estruturas sistêmicas de alimentação, mas também de mobilidade urbana, infraestrutura comercial descentralizada pela cidade, educação socioambiental e gastronômica, saneamento básico e gestão de resíduos sólidos, infraestrutura habitacional e higiênica, entre outros setores<sup>77</sup>. Reconhecendo, assim, a capacidade realmente sistêmica da agroecologia para uma necessidade de reconfiguração urbana igualmente sistêmica a fim de aliviar problemas globais quanto a formas adequadas de habitar a cidade.

### **4.3 Financiamento à agroecologia urbana e oportunidades para a filantropia**

A agricultura urbana requer legitimidade financeira e política para aumentar sua contribuição para a alimentação nas cidades. Embora Cabannes<sup>78</sup> afirme haver maior apoio político recente à agricultura urbana ao redor mundo, o autor constata que o apoio financeiro aos produtores urbanos permanece bastante limitado. A maioria dos produtores urbanos não tem acesso a esquemas de crédito e investimento e desenvolve suas atividades com recursos limitados. Apesar do potencial da agricultura urbana, a maior parte do apoio oficial ao desenvolvimento

<sup>77</sup> C.M. Deh-Tor. From Agriculture in the City to an Agroecological Urbanism: The transformative pathway of urban (political) agroecology. **Urban Agriculture magazine**, n. 33, nov. 2017. Disponível em: < <https://edepot.wur.nl/448771> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>78</sup> CABANNES, Y. Financing urban agriculture. *Environment and Urbanization*, v. 24, n.2, 2012, p. 665-683. Disponível em: < <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0956247812456126> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

é feito como ajuda técnica ou financeira a agricultores e famílias rurais. Essa tendência significa que os sistemas alimentares urbanos não são apenas menos visíveis que os rurais, mas são obscurecidos por questões como moradia, transporte, emprego e meio ambiente<sup>79</sup>. As instituições formais oferecem pouco apoio à agricultura urbana. Os responsáveis pelo desenvolvimento urbano não têm mandato ou equipe alocada para fornecer apoio técnico aos agricultores urbanos. As regulações fundiárias em muitas cidades não reconhecem a agricultura urbana enquanto categoria e, quando o fazem, visam principalmente fazendas comerciais com potencial de exportação<sup>80</sup>.

A maioria das instituições de crédito relutam em conceder empréstimos a agricultores urbanos por uma série de razões e percepções (boas e ruins), sendo as principais listadas abaixo<sup>81</sup>:

- Falta de conhecimento da agricultura urbana (ou conhecimento limitado);
- Percepção de que o financiamento da agricultura, especialmente de pequena escala, é “arriscado”;
- Percepção de que a agricultura urbana é pequena e pouco lucrativa ou não condiz com os atuais objetivos estratégicos da instituição;
- Falta ou desconhecimento de entidades potenciais de agricultura urbana para parceria;
- Tendência a apoiar apenas empresas comerciais de grande porte, principalmente as do setor de processamento alimentar; e,
- Limitação de empréstimos agrícolas para áreas rurais.

Um levantamento em 17 cidades da América Latina, Ásia e África constatou que agricultores urbanos possuem mais relutância em adentrar as poucas linhas de crédito que os aceitam, pois o formato das mesmas muitas vezes não cobre o desembolso financeiro padrão da agricultura urbana, que é bem diferente da agricultura realizada no ambiente rural. Dificuldade em preparar a documentação

<sup>79</sup> JACQUET, Pierre; PACHAURI, Rajendra K.; TUBIANA, Laurence (Ed.) *Towards Agricultural Change?* [s.l.]: The Energy and Resources Institute, TERI, 2012. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=doWzBAAQBAJ&newbks=1&newbks\\_redir=0&printsec=frontcover&dq=towards+agricultural+change%3F&hl=pt-BR&redir\\_esc=y#v=onepage&q=towards%20agricultural%20change%3F&f=false](https://books.google.com.br/books?id=doWzBAAQBAJ&newbks=1&newbks_redir=0&printsec=frontcover&dq=towards+agricultural+change%3F&hl=pt-BR&redir_esc=y#v=onepage&q=towards%20agricultural%20change%3F&f=false)>. Acesso em:

<sup>80</sup> Ibid.

<sup>81</sup> CABANNES, Y. op. cit.

solicitada para tais financiamentos, falta de preparação para transformar suas demandas em planos de negócio e ausência de órgãos que providenciem esses serviços de apoio a esse grupo também aparecem no relatório<sup>82</sup>.

Dado esse entrave de financiamento com outras fontes, como a filantropia pode apoiar a agroecologia urbana? Ou melhor, a filantropia está inclinada a apoiar essa agenda? Um levantamento feito pela *Global Alliance for the Future of Food* em 2015 com 24 fundações filantrópicas, sendo a maioria familiar ou independente, demonstrou que a maior parte das organizações não se enxergam como financiadoras de uma transição sustentável dos sistemas alimentares em si naquele momento, mas do contexto socioeconômico em que os sistemas alimentares se encontram. Foi confirmada também uma vontade de aprender formas de financiar ecossistemas a fim de promover mudanças sistêmicas na transição sustentável dos sistemas alimentares, cenário favorável à agenda de agroecologia urbana.

Sabe-se que a filantropia não deve e não vai resolver diretamente problemas da estrutura pública de apoio, mas seu papel em financiar grupos de *advocacy*, campanhas de conscientização e formação, associações e cooperativas de assessoria técnica de projetos e conceder apoios a desenvolvimento institucional de organizações de agroecologia urbana é fundamental. Dessa forma, organizações sem fins lucrativos conseguem promover pressões, tecnologias e conhecimentos necessários aos grupos sociais competentes a fim de, então, concretizar mudanças sistêmicas, inclusive – e principalmente – nas esferas governamentais e parlamentares. Nesta análise, não se espera que o principal objetivo de financiamento filantrópico seja para apoiar a expansão produtiva da agroecologia urbana em si, mas sim para fortalecer um movimento de luta pela transição agroecológica urbana. Em 2020, um artigo publicado no GIFE corrobora justamente esse caminho possível para atuação da filantropia no campo de sistemas alimentares. O diretor do Instituto Ibirapitanga, Andre Degenszajn, chama atenção justamente para a necessidade de diminuir desertos alimentares em centros urbanos e aumentar a oferta de compra de alimentos frescos em cadeias de curta distância<sup>83</sup>.

---

<sup>82</sup> [Ibid.](#)

<sup>83</sup> GIFE. Advocacy e apoio a pequenos produtores são oportunidades para atuação do ISP no desenvolvimento de cadeias sustentáveis de produção e distribuição de alimentos. **GIFE**, 26 out. 2020. Disponível em: < <https://gife.org.br/advocacy-e-apoio-a-pequenos-produtores-sao->

Tabela 1- Fundações familiares e independentes do GIFE e suas linhas programáticas relacionadas à agroecologia urbana, produção autoral.<sup>84</sup>

São poucas as fundações que possuem linhas de financiamento diretamente dedicadas a sistemas alimentares, como o Ibirapitanga. No Brasil, das 23 fundações

Nome	Tipo	Linha de financiamento a mudanças climáticas	Linha de financiamento a desenvolvimento urbano	Linha de financiamento a sistemas alimentares
<a href="#">Fundação Tide Setubal</a>	Familiar		X	
<a href="#">Instituto Arapyau</a>	Familiar	X		
<a href="#">Instituto Humanize</a>	Familiar	X		
<a href="#">Instituto Betty e Jacob Lafer</a>	Familiar	X		X
<a href="#">Instituto Ibirapitanga</a>	Familiar			X
<a href="#">Fundação Amazônia Sustentável</a>	Independente	X		X
<a href="#">Fundação Avina</a>	Independente	X	X	
<a href="#">Fundação Ford</a>	Independente	X		
<a href="#">Fundação Renova</a>	Independente	X		
<a href="#">Fundo Elas</a>	Independente	X		
<a href="#">Instituto Clima e Sociedade</a>	Independente	X		X

filantrópicas familiares do GIFE, uma possui linha dedicada a desenvolvimento urbano, duas a sistemas alimentares e três a mudanças climáticas. Das 18 fundações independentes, seis a mudanças climáticas, uma a desenvolvimento urbano e duas a sistemas alimentares. Sabe-se que tais temas podem ser trabalhados integrados a

oportunidades-para-atuacao-do-isp-no-desenvolvimento-de-cadeias-sustentaveis-de-producao-e-distribuicao-de-alimentos/ >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>84</sup> GIFE. Associados GIFE. Disponível em: < <https://gife.org.br/associados/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

outros macro temas de forma menos explícita, mas dada a dificuldade de reconhecimento da agroecologia urbana enquanto prática a ser financiada, como desenvolvido acima, busca-se aqui focar em linhas de financiamento cuja conexão com a agenda seja mais direta de forma a diminuir barreiras provocadas pelo desconhecimento da importância do tema.

Nas linhas de financiamento a sistemas alimentares acima, é notório o entendimento e incentivo a apoiar projetos de transição agroecológica. Já nos portfólios de mudanças climáticas, percebe-se um incentivo a temas que comprovadamente reduzam a pegada de carbono, preferencialmente em larga escala. Aqui encontra-se uma barreira para o financiamento filantrópico à agroecologia urbana em meio a um cenário em que linhas voltadas para mudanças climáticas são maioria: ainda há pouco crédito científico – e estudos – comprovando que agricultura urbana sustentável realmente é de baixo carbono<sup>85</sup>. Há consenso de vários outros serviços socioambientais da agricultura urbana, como diminuição das ilhas de calor ao redor e conservação do solo e recursos naturais<sup>86</sup>. Porém, sabendo da tendência limitada de financiamento a projetos de ação climática atrelados a redução do carbono, ainda que este não seja um trabalho técnico-científico, sugere-se a exploração de um outro serviço socioambiental da agroecologia urbana ainda pouco disseminado e implementado: mitigação do impacto ambiental da gestão de resíduos sólidos.

Entre 2010 e 2020, segundo o Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa (SEEG), a pegada de carbono do tratamento de resíduos foi a única categoria no Brasil, dentre processos industriais, energia, agropecuária e uso da terra que não deixou de aumentar sua emissão anualmente. Ainda que a agropecuária e o uso da terra correspondam por 61,6% das emissões brasileiras<sup>87</sup>, a gestão de resíduos teve o segundo maior aumento da pegada de

<sup>85</sup> SHANKER, Deena. Agricultura urbana não nos salvará das mudanças climáticas. **Exame**, 21jun. 2017. Disponível em: < <https://exame.com/ciencia/agricultura-urbana-nao-nos-salvara-das-mudancas-climaticas/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>86</sup> SILVA, Gustavo Henrique Pereira da. **Os efeitos de áreas agrícolas urbanas na intensidade das ilhas de calor em Florianópolis - SC**. 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2020. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/192773> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>87</sup> SOUZA, Caroline; ZANLORESSI, Gabriel. Agropecuária e uso da terra são 61,6% das emissões brasileiras. **Nexo Jornal**, 08 nov. 2021. Disponível em: < <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2021/11/08/Agropecu%C3%A1ria-e-uso-da-terra-s%C3%A3o-616-das-emiss%C3%B5es-brasileiras> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

carbono nesse período (27,8%), ficando atrás apenas do aumento pelo uso da terra, de 46,9%<sup>88</sup>. Afetando majoritariamente áreas urbanas, o município do Rio de Janeiro lidera a emissão de carbono nessa categoria pela falta de infraestrutura de processamento de resíduos<sup>89</sup>.

É recente o estudo analisando o sequestro de carbono quando a gestão de resíduos sólidos é destinada para ser reaproveitada e metabolizada na agricultura urbana de larga escala. Uma das experiências mais completas analisando a performance de duas cidades europeias é de 2020 e obteve resultados positivos quanto à redução de emissão do ponto de vista da produção agrícola apenas. Porém, por se tratar de cidades europeias com invernos rigorosos, o sistema de calefação e a geração de energia necessárias para a integração dos sistemas ultrapassou a emissão de carbono se comparada com a gestão separada de resíduos e agricultura urbana<sup>90</sup>. Apesar de haver experiências bem-sucedidas de integração dos sistemas no Rio de Janeiro<sup>91</sup> e Florianópolis<sup>92</sup>, tais não analisam se houve redução ou aumento na pegada de carbono ao integrar os sistemas. A autora não encontrou para o contexto brasileiro uma pesquisa similar à realizada na Europa, triangulando emissão de carbono, agricultura urbana e gestão de resíduos, destaca mais uma oportunidade para contribuição filantrópica na agenda de promoção de sistemas alimentares sustentáveis e mitigação das mudanças climáticas.

<sup>88</sup> Dados retirados do site da SEEG - Sistema de Estimativa de Emissões de Gases de Efeito Estufa. Disponível em: <[https://plataforma.seeg.eco.br/total\\_emission](https://plataforma.seeg.eco.br/total_emission)>. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>89</sup> DANTAS, Carolina. 7 das 10 cidades que mais emitiram carbono no Brasil estão na Amazônia e lideram taxas de desmatamento. **G1**, 04 mar. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2021/03/04/7-das-10-cidades-que-mais-emitiram-carbono-no-brasil-estao-na-amazonia-e-lideram-taxas-de-desmatamento.ghtml>>. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>90</sup> WEIDNER, Till; YANG, Aidong. The potential of urban agriculture in combination with organic waste valorization: Assessment of resource flows and emissions for two european cities. **Journal of Cleaner Production**, v. 244, n. 20, jan. 2020. Disponível em: <[https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0959652619333608?casa\\_token=bnGpvmN-VZAAAAAA:h\\_o0AxAXsXi93M3zM5f12dl4WVkcBhjnPae0OM6Azn\\_1pNrIRZmdScrUI9ISEWD6zKNTECKi0jI](https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0959652619333608?casa_token=bnGpvmN-VZAAAAAA:h_o0AxAXsXi93M3zM5f12dl4WVkcBhjnPae0OM6Azn_1pNrIRZmdScrUI9ISEWD6zKNTECKi0jI)>. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>91</sup> SANT'ANNA, Caio Lucas et al. O papel das tecnologias sociais na gestão de resíduos e na agricultura urbana – Projeto de Extensão Mutirão de Agroecologia - MUDA/UFRJ. **X ENEDS**, Rio de Janeiro, RJ, set. 2013. Disponível em: <<https://anais.eneds.org.br/index.php/eneds/article/view/575>>. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>92</sup> CEPAGRO. Gestão Comunitária De Resíduos Orgânicos E Agricultura Urbana, por Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (CEPAGRO). Disponível em: <<https://transforma.fbb.org.br/tecnologia-social/gestao-comunitaria-de-residuos-organicos-e-agricultura-urbana>>. Acesso em: 01 de julho de 2022.

São muitos os bloqueios para que agricultores urbanos acessem financiamentos suficientes, respeitosos e a longo prazo, mas são muitas também as oportunidades de alterar esse cenário por meio do financiamento filantrópico – e é isso que algumas fundações têm feito.

#### 4.4 Experiências de financiadores na agroecologia urbana no Brasil

Entendendo o caráter profissional do mestrado, esta seção do artigo se destina a apresentar brevemente experiências de financiamento entre fundações ou fundos filantrópicos e iniciativas de agroecologia urbana sem a intenção de avaliar profundamente suas atuações, abordagens e impacto. Além de brevemente apresentar, o objetivo é também mapear quantos apoios para a agenda de agroecologia urbana foram feitos pelos financiadores selecionados e de onde veio o apoio para as iniciativas da sociedade civil selecionadas.

Relatórios anuais e de transparência foram utilizados para fazer esse levantamento considerando três categorias de apoio: *Advocacy* – apoios destinados a fortalecer projetos de consolidação e mobilização por políticas públicas eficazes em agroecologia urbana; *Produção, transição e escoamento* – apoios destinados a garantir recursos técnicos para a produção e/ou transição agroecológica e mercados em territórios urbanos; *Outra* – apoio que não se encaixa nas duas categorias anteriores. A coleta e análise dos dados foi feita de forma manual pela autora a partir da leitura da descrição contida nos relatórios ou listagem de doações de cada apoio dos portfólios pertinentes disponibilizada pelos financiadores e organizações financiados.

##### 4.4.1 The AgroEcology Fund

O [AgroEcology Fund](https://www.agroecologyfund.org/about-us) (AEF) é um fundo de vários doadores que apoia práticas e políticas agroecológicas. O Fundo visa apoiar sistemas alimentares viáveis, promover o bem-estar econômico e os direitos humanos de pequenos agricultores e suas comunidades e mitigar a mudança climática por meio de uma agricultura de baixo consumo com uso sustentável do solo e da água<sup>93</sup>.

<sup>93</sup> AGROECOLOGY FUND. O *Agroecology Fund* é um fundo de vários doadores que apoia sistemas alimentares justos e sustentáveis. Disponível em: < <https://www.agroecologyfund.org/about-us> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

O AEF começou seu trabalho em 2012 e atualmente é apoiado por um grupo diverso de financiadores dos EUA, Ásia e Europa, todos comprometidos com doações internacionais para o avanço da agroecologia. Embora cada organização mantenha seus programas independentes, eles estão unidos pelo interesse em ampliar as práticas e políticas agroecológicas em todo o mundo<sup>94</sup>.

Tabela 2 - Financiadores do AgroEcology Fund, produção autoral<sup>95</sup>

<b>Organização filantrópica investidora no AEF</b>	<b>Filantropo/a, família ou empresa a que a organização pertence</b>	<b>Empresa que o/a filantropo/a ou família é ligada</b>
The Schmidt Family Foundation	Eric Schmidt	Google e Alphabet
Grassroots International	Grassroots International	n/a
American Jewish World Service	Lawrence S. Phillips	PVH Corp. (Tommy Hilfiger, Calvin Klein etc.)
Ben & Jerry's Foundation	Ben & Jerry	Unilever
Casey Family Programs	James E. Casey	UPS
Charles Léopold Mayer Foundation	Charles Léopold Mayer	n/a
David and Lucile Packard Foundation	David e Lucile Packard	HP
Franciscan Sisters of Mary	SSM Health	SSM Health
IKEA Foundation	IKEA	IKEA
New England Biolabs Foundation	New England Biolabs	New England Biolabs

<sup>94</sup> Cf. o site do *Agroecology Fund*. Disponível em: < <https://www.agroecologyfund.org/leadership-and-allies> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>95</sup> AGROECOLOGY FUND. Página referente às lideranças e ao aliados do *Agroecology Fund*. Disponível em: < <https://www.agroecologyfund.org/leadership-and-allies> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

Open Society Foundations	George Soros	<i>Mercado financeiro</i>
Panta Rhea Foundation	Hans Schöepflin	<i>Mercado financeiro</i>
Savitri Waney Charitable Trust	Arjun Waney	<i>Mercado financeiro</i>
Swift Foundation	John Swift	UPS
Synchronicity Earth	Synchronicity Earth	n/a
The A Foundation	Ben Arbib	Mercado financeiro
The Christensen Fund	Allen D. and Carmen M. Christensen	General Electric
The McKnight Foundation	William L. McKnight	3M
Thirty Percy	SKAGEN Funds	Mercado financeiro
Thread Fund	Tim Crosby	n/a
Thousand Currents	Paul Strasburg	<i>Empreendedor milionário</i>
Wallace Global Fund	Henry A. Wallace	Político estadunidense
The Waterloo Foundation	Heather and David Stevens	Admiral Group
Biodivision	Dr. Hans Rudolf Herren	Fazendeiro
The David Rockefeller Fund	David Rockefeller	<i>Mercado financeiro</i>
W. W. Kellogg Foundation	Will Keith Kellogg	Kellogg
Dunn Family Charitable Foundation	Raymond J Dunn III	Advantage Health Corporation
The Godley Family Foundation	Frederick Godley	n/a
CS Fund	Maryanne Mott and Herman Warsh	General Motors
Helianthus Fund	Fundo de investimento de capital de risco	Emso Asset Management Limited (Reino Unido) e APartners Capital

		Investment Management Limited (Malta)
Peterffy Foundation	Thomas Peterffy	Interactive Brokers
Tikva Grassroots Empowerment Fund	n/a	n/a
The SWF Immersion Foundation	Scott W. Fitzmorris	n/a

Reconhecendo que possui uma prática institucional que ainda não é o comum no meio filantrópico, o AEF atesta que fica cada vez mais nítido que as pessoas que são íntimas às dinâmicas das suas próprias comunidades e ecossistemas têm as melhores ideias e soluções de como operacionalizar um apoio. A organização reconhece que a própria filantropia pode se beneficiar ao priorizar atenção à diversidade de saberes e práticas durante a promoção de soluções a problemas sociais e ecológicos. Segundo Scott Fitzmorris, copresidente do *Wallace Global Fund*, um dos financiadores do AEF, assim como o jeito de organização de uma fazenda agroecológica pode parecer complicado e bagunçado pela sua policultura, um modelo verdadeiramente colaborativo de uma organização filantrópica também pode parecer igualmente complexo. Porém, os resultados de tais princípios de organização são mais resilientes, saudáveis e estáveis. Assim como a monocultura, a decisão tomada apenas na ‘sala dos conselheiros’ não é a solução. Ainda que nova, o AEF implementou um modelo institucional que pode ajudar a agricultura e os sistemas filantrópicos mudarem rumo a estruturas mais efetivas<sup>96</sup>.

Em 10 anos de Fundo, houve pelo menos cinco iniciativas em agroecologia urbana. Até 2019, data de publicação do último relatório de avaliação estratégica, a organização declarou que praticou \$6,799,595.44 em apoios. Considerando os apoios feitos à agroecologia urbana até 2019, o tema representou apenas 6% do portfólio da AEF. Acredita-se que o apoio à essa agenda poderia ser mais expressivo considerando o objetivo fundamentalmente agroecológico do Fundo.

<sup>96</sup> AGROECOLOGY FUND. Página referente à abordagem do Agroecology Fund em relação ao financiamento do crescimento. Disponível em: < <https://www.agroecologyfund.org/our-approach> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

Tabela 3 - Apoios à agroecologia urbana, produção autoral<sup>97</sup>

<b>Organização</b>	<b>Iniciativa</b>	<b>Local</b>	<b>Categoria</b>	<b>Ano</b>	<b>Valor/ período</b>
Arulagam	Women's collectives and youth build agroecological solidarity economies	Índia	Produção, transição e escoamento	2021	\$50,000, 12 meses
Consumers' Association of Penang	Supporting agroecological food production and farmer seed systems in Malaysia	Malásia	<i>Advocacy</i>	2021	\$120,000 18 meses
Southeastern African American Farmers Organic Network (SAAFON)	Down-South Afroecology Training School (DATS)	Estados Unidos	<i>Advocacy</i>	2019	\$95,000, 12 meses
Centre for Agroecology, Water and Resilience	AgroEcology for Sustainable Food Systems in Europe	Espanha, França, Itália, Alemanha, Reino Unido, Bélgica, Romênia,	<i>Advocacy</i>	2014	\$145,000 24 meses

<sup>97</sup> AGROECOLOGY FUND. Página referente à abordagem do Agroecology Fund em relação ao financiamento do crescimento. Disponível em: < <https://www.agroecologyfund.org/round-6>, >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

		Uganda, Mali e Índia			
Colectivo Nacional Agroecológico	AgroEcological Families: A Democratic Inspiration for Forging Food Sovereignty	Equador	Produção, transição e escoamento	2014	\$50,000 12 meses
Total até 2019:					\$410,000
Total até 2022:					\$580,000

#### 4.4.2 Global Alliance for the Future of Food

A [\*Global Alliance for the Future of Food\*](#) é uma aliança estratégica de fundações filantrópicas que trabalham para transformar os sistemas alimentares globais agora e para as gerações futuras. A Aliança Global não é uma doadora. O objetivo é trabalhar em conjunto para fortalecer as evidências para a mudança dos sistemas globais, reunindo atores do sistema alimentar em um diálogo relevante e estimulando a ação local e global para a mudança sistêmica. São 29 organizações-membro, sendo a maioria fundações familiares. A data de fundação não é informada no site da Aliança.

1. 11th Hour Project
2. Agropolis Fondation
3. Argosy Foundation
4. Azim Premji Philanthropic Initiatives
5. Christensen Fund
6. Clarence E. Heller Foundation
7. Crown Family Philanthropies
8. Daniel et Nina Carasso Fondation
9. David and Lucile Packard Foundation
10. David Rockefeller Fund
11. GRACE Communications Foundation
12. Heinrich Böll Stiftung
13. IKEA Foundation

14. Instituto Ibirapitanga
15. J.W. McConnell Family Foundation
16. McKnight Foundation
17. Oak Foundation
18. Owsley Brown Charitable Foundation
19. Panta Rhea Foundation
20. Porticus
21. Robert Bosch Stiftung
22. Rockefeller Foundation
23. Sall Family Foundation
24. Thread Fund
25. Tudor Trust
26. V Kann Rasmussen Foundation
27. Walton Family Foundation
28. WK Kellogg Foundation
29. Woodcock Foundation

A Aliança estabeleceu sete princípios que guiam a transformação nos sistemas alimentares: renováveis, resilientes, equitativo, diverso, saudável, inclusivo e interconectado. Há menção à agricultura urbana apenas no princípio ‘inclusivo’, sugerindo que o sistema alimentar precisa ser inclusivo com todos aqueles que produzem e consomem alimentos nos ambientes rurais e urbanos<sup>98</sup>. Não foi encontrado outro documento da organização que mencione agricultura ou agroecologia urbana. Dado potencial dessa agenda e a urgência de sua priorização para aliviar a fome, acredita-se que a Aliança poderia investir e priorizar mais debates sobre o tema.

#### 4.4.3 Instituto Clima e Sociedade

Fundado em 2015, o [Instituto Clima e Sociedade](#) (ICS) é “uma organização filantrópica que apoia projetos e instituições que visam o fortalecimento da economia brasileira e do posicionamento geopolítico do país, além da redução da

---

<sup>98</sup> GLOBAL ALLIANCE FOR THE FUTURE OF FOOD. Página referente à abordagem do Global Alliance For The Future Of Food. Disponível em: < <https://futureoffood.org/our-approach/principles/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

desigualdade por meio do enfrentamento das mudanças climáticas e soluções sustentáveis”<sup>99</sup>. Categorizado como fundo independente, atua como *regranter*, ou seja, recebe financiamento de outras fundações e repassa para organizações locais. Dentre os financiadores estão *Oak Foundation*, *Climateworks Foundation*, *IKEA Foundation* e *Rockefeller Philanthropy Advisors*<sup>100</sup>. Possui sete áreas de atuação: transporte; política climática; energia; direito e clima; uso da terra e sistemas alimentares; economia de baixo carbono; e comunicação e engajamento.

Com o objetivo de “desvincular o crescimento econômico do desmatamento, estimulando a produção sustentável e a adoção de meios mais sustentáveis de produção”<sup>101</sup>, o portfólio de uso da terra e sistemas alimentares possui quatro frentes de atuação, com foco na Amazônia Legal:

1. Redução do desmatamento ilegal por meio de responsabilização econômica e legal sobre violações ambientais.
2. Iniciativas que impedem o desmatamento legal e promovem restauração florestal por meio de instrumentos e incentivos econômicos.
3. Ações voltadas para terras públicas não destinadas, áreas protegidas, terras indígenas e propriedades privadas ocupadas de acordo com as normas legais e ambientais.
4. Fortalecimento de atores locais com poderes para desenvolver e implementar soluções no uso sustentável da terra.

Em sete anos de Instituto, apenas uma iniciativa em agroecologia urbana foi mapeada. Desde 2017, 84 apoios foram feitos no portfólio de uso da terra e sistemas alimentares. Acredita-se que o apoio à essa agenda poderia ser mais expressivo e considera-se simbólico que o único apoio feito seja recente, indo em convergência às seções desse artigo que apontam um despertar da filantropia para o tema

<sup>99</sup> INSTITUTO CLIMA E SOCIEDADE. Página de apresentação do instituto. Disponível em: < <https://climaesociedade.org/quem-somos/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>100</sup> INSTITUTO CLIMA E SOCIEDADE. Demonstrações Financeiras - com Relatório do Auditor Independente. [s.l.]: Instituto Clima e Sociedade, 2020. Disponível em: < <https://climaesociedade.org/wp-content/uploads/2022/03/RelatorioAuditoria2020.pdf> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>101</sup> INSTITUTO CLIMA E SOCIEDADE. Uso da Terra e Sistemas Alimentares. Disponível em: < <https://climaesociedade.org/portfolios/uso-da-terra-e-sistemas-alimentares/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

alimentar nas cidades. Os valores dos apoios não são informados na seção de ‘Doações’ no site oficial do Instituto<sup>102</sup>.

Tabela 4 - Apoios à agroecologia urbana, produção autoral.<sup>103</sup>

Organização	Iniciativa	Local	Categoria	Ano	Valor/ período
Instituto Comida do Amanhã	Fortalecimento de sistemas alimentares sustentáveis para as cidades médias brasileiras	Olhar especial para cidades da Amazônia	<i>Advocacy</i>	2021	21 meses

#### 4.4.4 Instituto Ibirapitanga

Fundada pelo cineasta Walter Salles, o [Instituto Ibirapitanga](#) é “uma organização dedicada à defesa de liberdades e ao aprofundamento da democracia no Brasil”<sup>104</sup>. Desde 2017, apoia iniciativas a partir de duas linhas de financiamento: Sistemas Alimentares e Equidade Racial. Opera com recursos próprios a partir dos rendimentos de um fundo patrimonial.

A linha de Sistemas Alimentares tem como objetivo contribuir para a construção de um sistema alimentar saudável, justo e sustentável, atuando sob três prioridades<sup>105</sup>:

- Restrição do uso e o consumo de agrotóxicos.
- Redução do consumo de produtos ultraprocessados.
- Ampliação do consumo de alimentos de base agroecológica.

<sup>102</sup> INSTITUTO CLIMA E SOCIEDADE. Página de arquivo referente a doações. Disponível em: < <https://climaesociedade.org/portfolios/uso-da-terra-e-sistemas-alimentares/doacoes/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>103</sup> Ibid.

<sup>104</sup> IBIRAPITANGA. Página sobre o Instituto Ibirapitanga, uma organização dedicada à defesa de liberdades e ao aprofundamento da democracia no Brasil. Disponível em: < <https://www.ibirapitanga.org.br/sobre/instituto/> < >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>105</sup> IBIRAPITANGA. Página do site do Instituto Ibirapitanga sobre o programa Sistemas Alimentares. Disponível em: < <https://www.ibirapitanga.org.br/programas/sistemas-alimentares/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

Em 2018, o Instituto lançou o relatório *10 questões sobre alimentação no Brasil de hoje*, que ajudou a embasar sua linha de atuação em sistemas alimentares. O estudo destaca que o desafio da fome é cada vez mais urbano, defendendo políticas públicas municipais que reequilibrem a produção, processamento, transporte, comércio, distribuição, abastecimento e consumo de alimentos nas cidades. É a linha estratégica de uma fundação que mais se aproxima à agroecologia urbana defendida ao longo desse artigo<sup>106</sup>. No entanto, como veremos a seguir, parece não estar tão próxima assim dos formatos e abordagens de *grantmaking* mais justas com custos reais, como citado na seção 4.1, já que os valores das doações são proporcionalmente baixos em relação ao período e não foram encontrados casos de apoio institucional irrestrito, apenas programático.

Em cinco anos de Instituto, sete iniciativas em agroecologia urbana foram mapeadas em diversas categorias, demonstrando um interesse holístico com o tema. Nos anos de 2018 e 2019, o portfólio total na linha de sistemas alimentares foi de R\$4.670.985,00, em que a agroecologia urbana representou 8% dos apoios<sup>107</sup>. Já em 2020, o Instituto só apresentou os valores totais para sua operação, e não por linha programática. De R\$12.044.000,00 investidos no ano, R\$1.060.885,00 foram dedicados a agroecologia urbana, representando 8,8% do portfólio institucional. Em 2021, 39% do orçamento anual foi dedicado à linha de sistemas alimentares, resultando no montante de R\$4.891.000,00. Desses, R\$1.114.670,00 foram dedicados a iniciativas de agroecologia urbana, correspondendo à 22%<sup>108</sup>. Comprova-se que o Instituto tem expandido seu aporte ao fortalecimento da agenda, selando um compromisso com em reduzir o desafio cada vez mais urbano da fome, como constatou em seu relatório.

<sup>106</sup> IBIRAPITANGA. **10 questões sobre alimentação no Brasil de hoje** - Síntese do encontro Desafios da Alimentação no Brasil de Hoje, realizado em Petrópolis de 30 a 31 de Janeiro de 2018. Rio de Janeiro: Instituto Ibirapitanga, 2018. Disponível em: < [https://www.ibirapitanga.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Ibi\\_Relato%20C3%B3rio\\_alimenta%C3%A7%C3%A3o\\_online%20C6%92.pdf](https://www.ibirapitanga.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Ibi_Relato%20C3%B3rio_alimenta%C3%A7%C3%A3o_online%20C6%92.pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>107</sup> IBIRAPITANGA. Relatório de atividades 2018-2019. Rio de Janeiro: Instituto Ibirapitanga, 2019. Disponível em: < [https://www.ibirapitanga.org.br/wp-content/uploads/2021/03/IBI\\_relatorio-atividades\\_2018-2019\\_%20C6%92-1.pdf](https://www.ibirapitanga.org.br/wp-content/uploads/2021/03/IBI_relatorio-atividades_2018-2019_%20C6%92-1.pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>108</sup> IBIRAPITANGA. Página do site do Instituto Ibirapitanga sobre as doações por programa em 2021. Disponível em: < <https://www.ibirapitanga.org.br/doacoes/visao-geral/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

Tabela 5 - Apoios à agroecologia urbana, produção autoral<sup>109</sup>

Organização	Iniciativa	Local	Categoria	Ano	Valor/ período
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul	AgUrb - III Conferência Internacional Agricultura e Alimentação em uma Sociedade Urbanizada	Brasil	Outra – produção e disseminação de conhecimento	2018	R\$60.000, 6 meses
Instituto Comida do Amanhã	LU.PPA – Lab urbano de políticas públicas alimentares	Brasil	Advocacy	2020	R\$161.250,00, 15 meses
Instituto Ibiá	Sustentabilidade financeira da Estação SP	São Paulo, SP	Produção, transição e escoamento	2021	R\$270.000,00, 10 meses
MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem Teto	Cozinhas solidárias – luta pelo direito à alimentação e soberania alimentar	São Bernardo do Campo, SP	Produção, transição e escoamento	2021	R\$194.670,00, 12 meses
MPA – Movimento dos Pequenos Agricultores	Agroecologia e abastecimento popular de alimentos	Brasil	Produção, transição e escoamento	2020	R\$300.000,00, 8 meses
				2021	R\$450.000,00, 24 meses
FASE – Federação de Órgãos para	Agroecologia integrando campo e cidade	Bahia	Produção, transição e escoamento	2020	R\$400.000,00, 24 meses

<sup>109</sup> IBIRAPITANGA. Página do site do Instituto Ibirapitanga sobre as doações. Disponível em: < <https://www.ibirapitanga.org.br/doacoes/> >. Acesso em: 2022.

Assistência Social e Educacional	Alimentação saudável no campo e na cidade			2019	R\$300.000,00, 12 meses
FICA – Associação para a Propriedade Comunitária	FUA – Fundo Agroecológico	São Paulo, SP	Outra – regulação fundiária de terras para plantio urbano	2021	R\$200.000,00, 15 meses
	Arranjos institucionais de acesso à terra para agricultura justa	Brasil	Outra – regulação fundiária de terras para plantio urbano	2020	R\$149.635,00, 12 meses
	Fundo Emergencial FICAemCasa	São Paulo, SP	Produção, transição e escoamento	2020	R\$50.000,00, 4 meses
	Acesso à terra para a agricultura justa	Brasil	Outra – produção e disseminação de conhecimento	2019	R\$50.000,00, 6 meses
Total:					R\$2.585.555,00

## 4.5 Experiências de *grantees* na agroecologia urbana no Brasil

### 4.5.1 Agroecologia nos municípios

Continuidade da iniciativa pioneira “Agroecologia nas Eleições”, lançada durante as eleições municipais de 2020<sup>110</sup>, a iniciativa [Agroecologia nos Municípios](#), da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), lançada em 2021, é uma das únicas permanentes – e não sazonais, como as que ocorrem apenas em

<sup>110</sup> SÁ, Eduardo. Campanha agroecológica nas eleições seguirá em janeiro com foco nos municípios. **Mídia Ninja**, 30 dez. 2020. Disponível em: < <https://midianinja.org/news/campanha-agroecologia-nas-eleicoes-seguira-em-janeiro-com-foco-nos-municipios/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

períodos de eleições – e a nacionalizar uma estratégia de promoção, apoio e sistematização de processos de mobilização e incidência política no nível municipal “visando a criação e o aprimoramento de políticas públicas, programas, projetos, leis e experiências municipais importantes de apoio à agricultura familiar e à segurança alimentar e nutricional e que fortalecem a agroecologia”<sup>111</sup>. Os trabalhos estão sendo desenvolvidos nos 26 estados brasileiros e a ideia é criar uma rede de municípios agroecológicos no país. Abordagens horizontais e comunitárias de *advocacy*, sob princípios da educação popular, são utilizadas na estratégia de atuação dessa iniciativa – inclusive, é uma estratégia de *advocacy* sem precedentes na agenda de agroecologia urbana do Brasil.

A iniciativa é viabilizada financeiramente por recursos da [MISEREOR](#) – Obra episcopal da Igreja Católica da Alemanha para a cooperação do desenvolvimento, *Catholic Committee against hunger and for development* ([CCFD-Terre Solidaire](#)), organização não governamental católica francesa de ajuda humanitária e [Fundação Heinrich Böll](#), organização política alemã sem fins lucrativos<sup>112</sup>. Nenhum financiamento filantrópico foi encontrado nos documentos da iniciativa.

#### 4.5.2 ASPTA – Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa

Fundada em 1983, a [AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia](#) é uma associação sem fins lucrativos atuando para o fortalecimento da agricultura familiar e desenvolvimento rural sustentável no Brasil. Possui como temas de intervenção as seguintes agendas: acesso a mercados, agrobiodiversidade, agroflorestal, construção do conhecimento agroecológico, criação animal, financiamento da transição agroecológica, infância e juventude, infância, juventude, manejo da água, manejo ecológico dos solos, monitoramento da transição agroecológica, mulheres

<sup>111</sup> Associação Nacional da Agroecologia. **Agroecologia nos Municípios**. Disponível em: < <https://agroecologia.org.br/agroecologia-nos-municipios/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>112</sup> MOREIRA, Sarah. **Caderno 1 : Estado e políticas públicas**. Rio de Janeiro: AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia, 2021. (Coleção agroecologia e políticas públicas : subsídios para a incidência nos municípios, caderno 1). Disponível em: < [https://agroecologia.org.br/wp-content/uploads/2022/01/ANM\\_CAD1\\_online.pdf](https://agroecologia.org.br/wp-content/uploads/2022/01/ANM_CAD1_online.pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

e agroecologia, saúde e alimentação e transgênicos. Possui três programas: Paraná, de Agricultura Urbana no Rio de Janeiro e Paraíba<sup>113</sup>.

No último relatório disponível no site da organização, de 2019, consta que o Programa de Agricultura Urbana do Rio de Janeiro foi financeiramente viabilizado por recursos da [MISEREOR](#) – Obra episcopal da Igreja Católica da Alemanha para a cooperação do desenvolvimento e da Invepar, uma das maiores gestoras privadas de mobilidade urbana e concessão de rodovia da América Latina. No Rio de Janeiro, a empresa está presente na concessão do MetrôRio, VLT Carioca, Linha Amarela S.A., ViaRio e CRT – Concessionária Rio-Teresópolis. O total dos recursos não é informado, mas é interessante analisar a discrepância entre os financiadores desse programa de agricultura urbana, e outros de agricultura do campo e desenvolvimento rural, como os abaixo<sup>114</sup>:

O Programa Paraíba, em 2019, contou com recursos das seguintes organizações: Articulação do Semiárido – ASA/Associação, P1MC; [Brot für die Welt](#), organização protestante para a Diaconia e o desenvolvimento para pão para o mundo – serviço protestante para o desenvolvimento, [Porticus](#), fundação da família Brenninkmeijer, fundadora da C&A, [Manos Unidas](#), ONG espanhola, *Catholic Committee against hunger and for development* ([CCFD-Terre Solidaire](#)), organização não governamental católica francesa de ajuda humanitária, [ActionAid Brasil](#), ONG internacional, e [MISEREOR](#) – Obra episcopal da Igreja Católica da Alemanha para a cooperação do desenvolvimento<sup>115</sup>. Já no Programa Paraná, também em 2019, foi apoiado pela [MISEREOR](#) – Obra episcopal da Igreja Católica da Alemanha para a cooperação do desenvolvimento, [Fundação Banco do Brasil](#)<sup>116</sup>. Ao todo, apenas uma fundação filantrópica familiar é encontrada, mas apoiando agricultura do campo, e não urbana.

#### **4.5.3 Fase – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional**

<sup>113</sup> AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia. Página do site da associação sobre os programas implementados. Disponível em: < <https://aspta.org.br/programas/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>114</sup> AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia. Relatório de Atividades com referência ao ano de 2019. Disponível em: < <https://aspta.org.br/files/2011/01/Relat%C3%B3rio-de-Atividades-2019.pdf> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>115</sup> Ibid.

<sup>116</sup> Ibid.

Fundada em 1961, a [FASE – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional](#) é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que atua em quatro causas principais: direito à cidade, justiça ambiental, mulheres e soberania alimentar. Sua estratégia de atuação é comprometida com o trabalho de organização e desenvolvimento local, comunitário e associativo.

Um de seus projetos é o “Cidades Amazônicas”. Junto ao [Fundo Dema](#), a Fase já lançou mais de duas vezes esse edital com o objetivo de “fortalecer a luta contra o avanço do desmatamento, o agravamento da crise climática e outros impactos socioambientais por meio da manutenção de florestas vivas e o fortalecimento das organizações populares em movimento nas cidades”<sup>117</sup>. O único apoiador financeiro é a [Open Society Foundations](#), uma fundação filantrópica<sup>118</sup>. Ressalta-se que a Amazônia é uma prioridade entre várias fundações filantrópicas que atuam no Brasil, o que possivelmente influenciou este apoio.

#### 4.5.4 FUA – Fundo Agroecológico

Nascida em 2020, o [Fundo Agroecológico](#) nasceu de um processo gestado pelo [Fundo FICA](#), fundo destinado a viabilizar o aluguel para famílias de baixa renda no centro de São Paulo. A proposta do FUA é adquirir propriedades rurais para garantir o bom uso e a conservação delas, iniciando a atuação pela Zona Sul de São Paulo e os agricultores de Parelheiros.

O estabelecimento do FUA se deu com o apoio do Instituto Ibirapitanga. O Fundo Agroecológico começou a ser estabelecido “com foco na separação entre a instância que detém a propriedade e aquela que faz gestão da terra”<sup>119</sup>. Nota-se, portanto, uma tendência do Ibirapitanga em inovar na redução dos desafios contemporâneos da agricultura urbana – o que pode servir de inspiração para outros financiadores.

<sup>117</sup> FASE – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional. Cidades Amazônicas - Fundo Dema lança o Edital “Cidades Amazônicas”. [s.d.]. Disponível em: < <https://fase.org.br/pt/nossas-aco/es/cidades-amazonicas/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>118</sup> FUNDO DEMA. Edital Cidades Amazônicas - Floresta Viva em Movimento. [s.d.]. Disponível em: < [https://www.fundodema.org.br/arquivos/edital\\_cidades\\_amazonicas/EDITAL\\_CIDADES\\_AMAZONICAS.pdf](https://www.fundodema.org.br/arquivos/edital_cidades_amazonicas/EDITAL_CIDADES_AMAZONICAS.pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>119</sup> FUNDO AGROECOLÓGICO. Página do site da FUA sobre o fundo. Disponível em: < <https://www.fundoagroecologico.org/saiba-mais> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

#### 4.5.5 LU.PPA – Laboratório Urbano de Políticas Públicas Alimentares

idealizado como uma ferramenta para apoiar cidades a alcançarem sistemas alimentares saudáveis para as pessoas e o planeta, resilientes às vulnerabilidades climáticas e econômicas, e promotores de justiça social, a partir da construção democrática de políticas integradas e coerentes, que tratem de forma sistêmica os desafios alimentares urbanos<sup>120</sup>.

É assim que o [LUPPA](https://luppa.comidadoamanha.org/) se descreve. Incubado pelo Instituto Comida do Amanhã, o LUPPA foi pensado para que governos municipais e demais atores dos sistemas alimentares urbanos consigam colaborar na construção de políticas públicas alimentares<sup>121</sup>.

O Laboratório começou com eventos online sobre alimentação urbana e no ano passado, com apoio do Instituto Ibirapitanga e Instituto Clima e Sociedade, lançou a 1ª edição do LUPPA Lab – uma imersão para gestores públicos e da sociedade civil de 45 horas de atividades sobre políticas locais alimentares para o Brasil<sup>122</sup>. Parte do financiamento recebido foi condicionado à priorização de divulgação entre cidades da Amazônia Legal, mais uma vez influenciando a tomada de decisão no apoio ao Lab.

<sup>120</sup> LUPPA. Homepage do LUPPA, Laboratório Urbano de Políticas Públicas Alimentares. Disponível em: < <https://luppa.comidadoamanha.org/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>121</sup> LUPPA. Homepage do LUPPA, Laboratório Urbano de Políticas Públicas Alimentares. Disponível em: < <https://luppa.comidadoamanha.org/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

<sup>122</sup>

LUPPA. **Comida no centro da mesa da agenda municipal** - Mudando como o mundo se alimenta a partir das cidades (folheto). Disponível em: < [https://luppaassets.s3.amazonaws.com/LUPPA\\_Resumo\\_Grafico.pdf](https://luppaassets.s3.amazonaws.com/LUPPA_Resumo_Grafico.pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

## Conclusão

Ao redor do mundo, a tendência de territorializar, desenvolver em escalas comunitárias e municipais soluções socioeconômicas tem ganhado força. A territorialização de práticas, projetos, financiamentos, metodologias etc. é uma forma de reconhecer que a comunidade local é o melhor, mais apropriado e preparado lugar para implementar, realizar e tomar decisões para soluções quando se trata de desafios e oportunidades que as impactam de forma mais direta. Com a agroecologia urbana não seria diferente. Tal tendência é intensificada e, na verdade, intrínseca aos princípios agroecológicos, como visto ao longo do trabalho. Excluir organizações de base comunitária, sejam elas acostumadas ou não com a burocracia e abordagem da filantropia, não é mais uma opção. Além de o financiamento ser uma oportunidade de construir parceria de desenvolvimento institucional, no tempo e linguagem adequados, as comunidades já não aceitam mais que se invista no território delas sem que as consultem e apoiem diretamente. Esse ponto é reforçado aqui para contextualizar o fato de que capilaridade comunitária pode ser um aspecto difícil de ser mensurado de fato, mas as fundações devem refletir ao adentrar em determinada agenda e perceber que há poucas organizações comunitárias formalmente aptas a receber o recurso, como é muitas vezes o caso nas comunidades urbanas. Reforça-se que este pode ser justamente um sinal de que, por carecer de financiamento suficiente e a longo prazo, as organizações comunitárias de determinado lugar ou atuantes em certo tema não conseguiram formalizar seus coletivos.

A fim de fornecer um panorama cada vez mais holístico do assunto – do global ao local –, o assunto desse trabalho se estabelece como uma agenda de pesquisa contínua da autora. Em próximas fases de investigação, entrevistas serão realizadas para entender, por exemplo, se houve outros apoios à agroecologia urbana que não os compartilhados no site dos financiadores; apurar valores de financiamentos e razões pelas quais tais foram priorizados; entender por que a filantropia religiosa está mais presente em algumas organizações do que a filantropia familiar e independente – resistência de alguns a grupos da sociedade civil para receber apoio desse ramo da filantropia? Métodos de abordagem e prestação de contas mais facilitados da filantropia religiosa quanto à familiar e

independente fazendo com que as organizações apoiadas prefiram as religiosas? – e analisar por que algumas linhas de financiamento a sistemas alimentares pouco priorizam a agroecologia urbana – vontades da família filantropa? Estratégia adotada pelo conselho gestor?

Dado o caráter mais executivo do trabalho por se tratar de um mestrado profissional, e considerando a literatura do assunto, visualizou-se a necessidade de realizar nesse momento um levantamento do panorama conceitual com exemplificação prática (estado da arte) com foco em metodologias documentais.

A filantropia teve e tem um papel relevante e digno de ter maior monitoramento crítico nos rumos do desenvolvimento internacional, assim como a agroecologia teve e tem uma importância ímpar na providência de alternativas realistas para transição sustentável de sistemas alimentares face ao movimento de comoditização dos alimentos. Aliar dois atores para atuação no território urbano requer abordagens adequadas para garantia da autonomia das comunidades e não de possíveis interesses apenas mercadológicos. A agroecologia urbana tem potencial de gentrificar cidades se feita de forma não comunitária e é preciso vigilância constante nessa possível armadilha. Por isso, é reforçado aqui que para implementar uma estratégia filantrópica comprometida com transformações positivas para comunidades e povos, é preciso que as práticas filantrópicas levem em consideração princípios de financiamento justo, sob custos reais, e não só programáticos, e realizadas em respeito à autonomia das comunidades e povos envolvidos.

Um movimento crescente de atenção e priorização da agenda urbana de sistemas alimentares pode ser percebido e a urgência para que se expanda de forma sólida, social e ecologicamente respeitosa é enorme. Se o agronegócio produtor de soja, cana e algodão, replicador de desigualdades, já não consegue alimentar sozinho a atual população urbana brasileira, o que esperar em 2030, quando 91,1% da população brasileira estiver em assentamentos urbanos? Agroecologia é essencial para o futuro da humanidade, já dizia o ex-diretor da FAO, José Graziano da Silva, mas mais essencial que um futuro agroecológico, apenas uma construção agroecológica no presente à altura de responder a urgência dos desafios alimentares e urbanos.

## 6

## Referências Bibliográficas

A AGRICULTURA mora em mim: a face invisível das cidades. Direção e montagem: Cecília Figueiredo. Realização: AS-PTA – Agricultura Familiar e Agro-ecologia; Semeando Agroecologia. [S.l.], 2012. (*online*). Disponível em: < <https://aspta.org.br/2012/12/28/a-agricultura-mora-em-mim-a-face-invisivel-das-cidades/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

AGROECOLOGY FUND. O *Agroecology Fund* é um fundo de vários doadores que apoia sistemas alimentares justos e sustentáveis. Disponível em: < <https://www.agroecologyfund.org/about-us> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

ALONSO-FRADEJAS, A. et al (2020) ‘Junk Agroecology’: The corporate capture of agroecology for a partial ecological transition without social justice. [s.l.] Friends of the Earth International; Transnational Institute; Crocevia, 2020. Disponível em: < [https://www.tni.org/files/publication-downloads/38\\_foei\\_junk\\_agroecology\\_full\\_report\\_eng\\_lr\\_0.pdf](https://www.tni.org/files/publication-downloads/38_foei_junk_agroecology_full_report_eng_lr_0.pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

AS DEZ multinacionais que controlam o mercado mundial de alimentos. **BBC News Brasil**, 30 out. 2016. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/geral-37710637> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia. Relatório de Atividades com referência ao ano de 2019. Disponível em: < <https://aspta.org.br/files/2011/01/Relat%C3%B3rio-de-Atividades-2019.pdf> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

BACOCINA, Denize. De onde vem a comida que você come na cidade? **Fast Company Brasil**, 17 ago. 2021. Disponível em: < <https://fastcompanybrasil.com/coluna/de-onde-vem-a-comida-que-voce-come-na-cidade/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

BAUMGARTNER, Bettina; BELEVI, Hasan. **A Systematic Overview of Urban Agriculture in Developing Countries**. [S.l.:s.n.], 2001. Disponível em: < [http://www.urbano-zelenilo.org/wp-content/uploads/MATERIJALI%20ZA%20WEB/INOSTRANI/A\\_Systematic\\_Overview\\_of\\_Urban\\_Agriculture\\_in\\_Developing\\_Countries%20-.pdf](http://www.urbano-zelenilo.org/wp-content/uploads/MATERIJALI%20ZA%20WEB/INOSTRANI/A_Systematic_Overview_of_Urban_Agriculture_in_Developing_Countries%20-.pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

BERTO, Rafael Sampaio. Agricultura urbana gera renda e reduz perdas no transporte. **AUN – Agência Universitária de Notícias**, São Paulo, 08 fev. 2021. Disponível em: < <https://aun.webhostusp.sti.usp.br/index.php/2021/02/08/agricultura-urbana-gera-renda-e-reduz-perdas-no-transporte/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

BOSETTI, Cleber. A invisível que ganhou notoriedade em tempos de pandemia? Uma breve história da agricultura urbana. **Grupo de Pesquisa Análise Socioambiental no Planalto Catarinense** (portal eletrônico), 16 jul. 2020. Disponível em: < <https://asam.paginas.ufsc.br/observatorio-socioambiental/invisivel-notoriedade/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

BOYES-WATSON, Tim; BORTCOSH, Siham. **Breaking the Starvation Cycle: How international funders can stop trapping their grantees in the starvation cycle and start building their resilience** (Executive summary). [s.l.]: Humentum, 2022. Disponível em: < <https://humentum.org/wp-content/uploads/2022/03/Humentum-ACR-Research-Report-Executive-Summary-FINAL.pdf> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

BUTEAU, Ellie Buteau; ORENSTEN, Naomi; MAROTTA, Satia. **Foundations respond to crisis: Lasting Change?** Cambridge: CEP - Center for Effective Philanthropy, 2021. Disponível em: < [https://cep.org/wp-content/uploads/2021/11/CEP\\_Foundations-Respond-to-Crisis\\_Lasting\\_Change.pdf](https://cep.org/wp-content/uploads/2021/11/CEP_Foundations-Respond-to-Crisis_Lasting_Change.pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

C.M. Deh-Tor. From Agriculture in the City to an Agroecological Urbanism: The transformative pathway of urban (political) agroecology. **Urban Agriculture magazine**, n. 33, nov. 2017. Disponível em: < <https://edepot.wur.nl/448771> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

CEPAGRO. Gestão Comunitária De Resíduos Orgânicos E Agricultura Urbana, por Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (CEPAGRO). Disponível em: < <https://transforma.fbb.org.br/tecnologia-social/gestao-comunitaria-de-residuos-organicos-e-agricultura-urbana> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

CHARITY NAVIGATOR. Milestones in Philanthropy. **Charity Navigator**, New Jersey, 1 jul. 2015. Disponível em: < <https://www.charitynavigator.org/index.cfm?bay=content.view&cpid=737> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

COMMUNITY DOOR. **Fundraising and philanthropy**. Disponível em: < <https://communitydoor.org.au/resources/fundraising-and-philanthropy?fbclid=IwAR2lzZg3fEpTI9fCXhpxd5rZfnZ3IqxtGES5cE0fMvDdm pHQu71d12ltXK8> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

DANTAS, Carolina. 7 das 10 cidades que mais emitiram carbono no Brasil estão na Amazônia e lideram taxas de desmatamento. **G1**, 04 mar. 2021. Disponível em: < <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2021/03/04/7-das-10-cidades-que-mais-emitiram-carbono-no-brasil-estao-na-amazonia-e-lideram-taxas-de-desmatamento.ghtml> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

DAVIES, Rhodri. A Timeline of Modern British Philanthropy. **Charities Aid Foundation**, London, 18 mar. 2016. Disponível em: < <https://www.cafonline.org/about-us/blog-home/giving-thought/the-role-of-giving/a-timeline-of-modern-british->

philanthropy#:~:text=From%20the%20mid%201500s%2C%20the,to%20give%20via%20the%20church >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

DELGADO, Cecília. Agricultura urbana, alterações climáticas e cidades: um triângulo latente em que urge trabalhar. **QUERCUS Ambiente**, [s.v.], jan.-fev. 2017, p. 6-7.. Disponível em: < [https://run.unl.pt/bitstream/10362/43156/1/Delgado\\_C.\\_2017.\\_Agricultura\\_Urbana\\_Altera\\_es\\_Clim\\_ticas\\_e\\_Cidades.\\_Um\\_tri\\_ngulo\\_latente\\_em\\_que\\_urge\\_trabalhar..pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/43156/1/Delgado_C._2017._Agricultura_Urbana_Altera_es_Clim_ticas_e_Cidades._Um_tri_ngulo_latente_em_que_urge_trabalhar..pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

FASE – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional. Cidades Amazônicas - Fundo Dema lança o Edital “Cidades Amazônicas”. [s.d.]. Disponível em: < <https://fase.org.br/pt/nossas-acoess/cidades-amazonicas/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

FOOD and Agriculture Organization of the United Nations (FAO). **The role of cities in the transformation of food systems**: sharing lessons from Milan pact cities. Rome: Food and Agriculture Organization of the United Nations, 2018. Disponível em: < <https://www.milanurbanfoodpolicypact.org/wp-content/uploads/2022/01/The-Role-Of-Cities-In-The-Transformation-Of-Food-Systems-Sharing-Lessons-From-Milan-Pact-Cities.pdf> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

FUNDING FOR REAL CHANGE. Homepage do movimento de ajuda filantrópica Funding for real Change. Disponível em: < <https://www.fundingforrealchange.com/join-this-movement> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

FUNDO AGROECOLÓGICO. Página do site da FUA sobre o fundo. Disponível em: < <https://www.fundoagroecologico.org/saiba-mais> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

FUNDO DEMA. Edital Cidades Amazônicas - Floresta Viva em Movimento. [s.d.]. Disponível em: < [https://www.fundodema.org.br/arquivos/edital\\_cidades\\_amazonicas/EDITAL\\_CIDADES\\_AMAZONICAS.pdf](https://www.fundodema.org.br/arquivos/edital_cidades_amazonicas/EDITAL_CIDADES_AMAZONICAS.pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

GIFE. Advocacy e apoio a pequenos produtores são oportunidades para atuação do ISP no desenvolvimento de cadeias sustentáveis de produção e distribuição de alimentos. **GIFE**, 26 out. 2020. Disponível em: < <https://gife.org.br/advocacy-e-apoio-a-pequenos-produtores-sao-oportunidades-para-atuacao-do-isp-no-desenvolvimento-de-cadeias-sustentaveis-de-producao-e-distribuicao-de-alimentos/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

GIFE. **Boas práticas na relação entre financiadores e donatários** (Notas técnicas n. 2). São Paulo: GIFE, 2020. Disponível em: < <https://www.fundacaoabh.org.br/wp-content/uploads/2021/07/BOAS-PRATICAS-NA-RELAC%CC%A7A%CC%83O-FINANCIADORES-DONATARIOS.pdf> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

GIFE. Censo GIFE 2020 registra mobilização de 5,3 bilhões pelo ISP. **GIFE**, 06 dez. 2021. Disponível em: < <https://gife.org.br/censo-gife-2020-registra-mobilizacao-de-53-bilhoes-pelo-isp/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

GLOBAL ALLIANCE FOR THE FUTURE OF FOOD. Página referente à abordagem do Global Alliance For The Future Of Food. Disponível em: < <https://futureoffood.org/our-approach/principles/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

GRADY, Heather. **Philanthropy as an Emerging Contributor to Development Cooperation**. [s.l.]: United Nations Development Programme, 2014. Disponível em: < <https://www.undp.org/publications/philanthropy-emerging-contributor-development-cooperation> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

GRAIN. Como a Fundação Gates está conduzindo o sistema alimentar na direção errada. **GRAIN** (blog), 20 jul. 2021. Disponível em: < <https://grain.org/en/article/6704-como-a-fundacao-gates-esta-conduzindo-o-sistema-alimentar-na-direcao-errada> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

HARTNELL, Caroline; MILNER, Andrew. **Philanthropy in Brazil**: a working paper. [s.l.]: Philanthropy for Social Justice and Peace; Alliance; WINGS; Rede de Filantropia Para a Justiça Social, 2018. Disponível em: < <http://www.psjp.org/wp-content/uploads/2018/05/PHILANTHROPY-IN-BRAZIL-MAY-2018.pdf> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

HELD, Lisa. Is Agroecology Being Co-Opted by Big Ag? **Civil Eats**, 20 abr. 2021. Disponível em: < <https://civileats.com/2021/04/20/is-agroecology-being-co-opted-by-big-ag/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

HENRIQUE, Gelson; DECOTHÉ, Marcelle; SANTIAGO, Raull. Futuro da filantropia é a descentralização de recursos. **Portal Geledés**, 08 jul. 2022. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/futuro-da-filantropia-e-a-descentralizacao-de-recursos/#:~:text=Imagine%20um%20mundo%20onde%20organiza%C3%A7%C3%B5es,entre%20si%20recursos%20para%20sobreviver.> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

HENRIQUE, Gelson; DECOTHÉ, Marcelle; SANTIAGO, Raull. Por que é urgente democratizar o investimento social privado no Brasil? **Rede de Filantropia para a Justiça Social**, 9 nov. 2021. Disponível em: < <https://www.redefilantropia.org.br/post/por-que-%C3%A9-urgente-democratizar-o-investimento-social-privado-no-brasil> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

HOLT-GIMÉNEZ, Eric; ALTIERI, Miguel. Agroecology, Food Sovereignty and the New Green Revolution. **Journal of Sustainable Agriculture**, v. 37, 2012. Disponível em: < <https://www.researchgate.net/publication/271940532> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

HORTAS urbanas resgatam agricultura familiar em Maricá, no RJ. **Globo Rural**. Rede Globo, 3 abr. 2022. (online). Disponível em:

<<https://globoplay.globo.com/v/10446634/?s=0s> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

HUDSON INSTITUTE CENTER FOR GLOBAL PROSPERITY. **The Index of Global Philanthropy and Remittance**, 2009. Washington D.C.: Hudson Institute, 2009. P. 18. Disponível em: <[https://www.hudson.org/content/researchattachments/attachment/979/index\\_of\\_global\\_philanthropy\\_and\\_remittances\\_2009.pdf](https://www.hudson.org/content/researchattachments/attachment/979/index_of_global_philanthropy_and_remittances_2009.pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

IANDOLI, Rafael. Mundo produz comida suficiente, mas fome ainda é uma realidade. Nexo Jornal, 02 set. 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2016/09/02/Mundo-produz-comida-suficiente-mas-fome-ainda-%C3%A9-uma-realidade> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

IBIRAPITANGA. **10 questões sobre alimentação no Brasil de hoje** - Síntese do encontro Desafios da Alimentação no Brasil de Hoje, realizado em Petrópolis de 30 a 31 de Janeiro de 2018. Rio de Janeiro: Instituto Ibirapitanga, 2018. Disponível em: <[https://www.ibirapitanga.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Ibi\\_Relat%C3%B3rio\\_alimenta%C3%A7%C3%A3o\\_online%C6%92.pdf](https://www.ibirapitanga.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Ibi_Relat%C3%B3rio_alimenta%C3%A7%C3%A3o_online%C6%92.pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

IBIRAPITANGA. Página sobre o Instituto Ibirapitanga, uma organização dedicada à defesa de liberdades e ao aprofundamento da democracia no Brasil. Disponível em: <<https://www.ibirapitanga.org.br/sobre/instituto/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

IBIRAPITANGA. Relatório de atividades 2018-2019. Rio de Janeiro: Instituto Ibirapitanga, 2019. Disponível em: <[https://www.ibirapitanga.org.br/wp-content/uploads/2021/03/IBI\\_relatorio-atividades\\_2018-2019\\_%C6%92-1.pdf](https://www.ibirapitanga.org.br/wp-content/uploads/2021/03/IBI_relatorio-atividades_2018-2019_%C6%92-1.pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

INSTITUTO CLIMA E SOCIEDADE. Demonstrações Financeiras - com Relatório do Auditor Independente. [s.l.]:Instituto Clima e Sociedade, 2020. Disponível em: <<https://climaesociedade.org/wp-content/uploads/2022/03/RelatorioAuditoria2020.pdf> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

INSTITUTO CLIMA E SOCIEDADE. Página de apresentação do instituto. Disponível em: <<https://climaesociedade.org/quem-somos/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

INSTITUTO CLIMA E SOCIEDADE. Uso da Terra e Sistemas Alimentares. Disponível em: <<https://climaesociedade.org/portfolios/uso-da-terra-e-sistemas-alimentares/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

International Forum for Agroecology. Sélingué (Mali): International Planning Committee for Food Sovereignty; Coordination Nationale des Organisations Paysannes, 2015. Disponível em: <<https://ag-transition.org/wp->

content/uploads/2015/10/NYELENI-2015-ENGLISH-FINAL-WEB.pdf >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

Investimento Social Privado. **GIFE** (site). Portal do Grupo de Institutos, Fundações e Empresas, associação de investidores sociais privados do Brasil. Disponível em: < <https://gife.org.br/investimento-social-privado/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

JACQUET, Pierre; PACHAURI, Rajendra K.; TUBIANA, Laurence (Ed.) Towards Agricultural Change? [s.l.]: The Energy and Resources Institute, TERI, 2012. Disponível em: < [https://books.google.com.br/books?id=doWzBAAQBAJ&newbks=1&newbks\\_redir=0&printsec=frontcover&dq=towards+agricultural+change%3F&hl=pt-BR&redir\\_esc=y#v=onepage&q=towards%20agricultural%20change%3F&f=false](https://books.google.com.br/books?id=doWzBAAQBAJ&newbks=1&newbks_redir=0&printsec=frontcover&dq=towards+agricultural+change%3F&hl=pt-BR&redir_esc=y#v=onepage&q=towards%20agricultural%20change%3F&f=false) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

LUPPA. **Comida no centro da mesa da agenda municipal** - Mudando como o mundo se alimenta a partir das cidades (folheto). Disponível em: < [https://luppaassets.s3.amazonaws.com/LUPPA\\_Resumo\\_Grafico.pdf](https://luppaassets.s3.amazonaws.com/LUPPA_Resumo_Grafico.pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

LUPPA. Homepage do LUPPA, Laboratório Urbano de Políticas Públicas Alimentares. Disponível em: < <https://luppa.comidadoamanha.org/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

MAIS de 90% da população brasileira viverá em cidades em 2030. **ONU News**. 17 out. 2022 Disponível em: < <https://news.un.org/pt/story/2016/10/1566241-mais-de-90-da-populacao-brasileira-vivera-em-cidades-em-2030#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20%C3%BAltimo,Latina%20seja%2086%25%20urbana.%E2%80%9D> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

MALUF, Renato S.; SANTARELLI, Mariana; PRADO, Veruska. **A cooperação brasileira em segurança alimentar e nutricional**: determinantes e desafios presentes na construção da agenda internacional. Rio de Janeiro: Centro de Referência em Segurança Alimentar e Nutricional, 2014. Disponível em: < [https://ceresan.net.br/wp-content/uploads/2016/docs/Cooperacao\\_Brasileira\\_em\\_SAN.pdf](https://ceresan.net.br/wp-content/uploads/2016/docs/Cooperacao_Brasileira_em_SAN.pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

MARTÍN, D.; DE LA FUERTE, R. Global and Local Agendas: The Milan Urban Food Policy Pact and Innovative Sustainable Food Policies in Euro-Latin American Cities. **Land**, Basel,, v. 11(2), n.202, 2022. Disponível em: < <https://www.mdpi.com/2073-445X/11/2/202> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

MCGREGOR, Allister et al. The Future of International Development and Philanthropy: Promoting Human Wellbeing in a Challenging Global Context. **The Bellagio Initiative Synthesis Report**. [s.l.]: Institute of Development Studies; Resource Alliance; Rockefeller Foundation, set. 2012. Disponível em: < <https://sinapse.gife.org.br/download/the-future-of-international-development-and-philanthropy> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

philanthropy-promoting-human-wellbeing-in-a-challenging-global-context >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

MILAN URBAN FOOD POLICY PACT. Milan Urban Food Policy Pact Monitoring Framework – July 2018 version. Disponível em: < <https://www.fao.org/3/CB4029EN/CB4029EN.pdf> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

MOREIRA, Sarah. **Caderno 1 : Estado e políticas públicas**. Rio de Janeiro: AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia, 2021. (Coleção agroecologia e políticas públicas : subsídios para a incidência nos municípios, caderno 1). Disponível em: < [https://agroecologia.org.br/wp-content/uploads/2022/01/ANM\\_CAD1\\_online.pdf](https://agroecologia.org.br/wp-content/uploads/2022/01/ANM_CAD1_online.pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

MOUGEOT, Luc (Ed.). **The Social, Political and Environmental Dimensions of Urban Agriculture**. London, Earthscan/International Development Research Centre, 2005. Disponível em: < <https://idl-bnc-idrc.dspacedirect.org/bitstream/handle/10625/28341/IDL-28341.pdf?sequence=47&isAllowed=y> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

MOUGEOT, Luc J. A. Urban Agriculture in Cities of the Global South: Four Logics of Integration. In: IMBERT, Dorothée (ed.). *Food and the City: Histories of Culture and Cultivation*. Cambridge: Harvard University Press, 2015. p. 163-193.

MOUGEOT, Luc. **Growing better cities: urban agriculture for sustainable development**. Ottawa: International Development Research Centre, 2006. Disponível em: < <https://idl-bnc-idrc.dspacedirect.org/bitstream/handle/10625/30554/IDL-30554.pdf?sequence=12&isAllowed=y> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

NALLY, David; TAYLOR, Stephen. **The politics of self-help: The Rockefeller Foundation, philanthropy and the ‘long’ Green Revolution**. (No prelo). Disponível em: < <https://www.repository.cam.ac.uk/bitstream/handle/1810/248186/Nally%20and%20Taylor%202015%20%20Political%20Geography.pdf?sequence=1&isAllowed=y> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

NASR, Joe. **Urban Agriculture: Food, Jobs, and Sustainable Cities - 2001 Edition**. Washington, D.C., 1 fev. 2011. Disponível em: < <http://www.jacsmit.com/book.html> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

NEHRING, Ryan; MCKAY, Ben. Sustainable Agriculture: An Assessment of Brazil's Family Farm Programmes in Scaling up Agroecological Food Production. **One Pager**, n. 246, Brasília, mar. 2014. Disponível em: < <https://ipcig.org/sites/default/files/pub/en/IPCOnePager246.pdf> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

NEXUS; MCDERMOTT WILL & EMERY LLP; CHARITIES AID FOUNDATION. **Rules to Give By: A Global Philanthropy Legal Environment**

Index. [s.l.]: [s.e.], [s.d.]. Disponível em: < <https://idis.org.br/wp-content/uploads/2014/12/RULES-TO-GIVE-BY-FINAL-with-Country-Reports.pdf> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

OECD, Private **Philanthropy for Development** – Second Edition: Data for Action, The Development Dimension, Paris: OECD Publishing, 2021. Disponível em: < [https://www.oecd-ilibrary.org/sites/cdf37f1e-en/1/3/1/index.html?itemId=/content/publication/cdf37f1e-en&\\_csp\\_=64f1aacd1c85e6f34404d7f4cde810a9&itemIGO=oecd&itemContentType=book](https://www.oecd-ilibrary.org/sites/cdf37f1e-en/1/3/1/index.html?itemId=/content/publication/cdf37f1e-en&_csp_=64f1aacd1c85e6f34404d7f4cde810a9&itemIGO=oecd&itemContentType=book) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

OECD. **The role of philanthropy in financing for development**. Disponível em: < <https://www.oecd.org/dac/financing-sustainable-development/development-finance-standards/beyond-oda-foundations.htm> >. Acesso em: . Cf.: OECD. Centre of Philanthropy. Disponível em: < <https://www.oecd.org/development/philanthropy-centre/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

OLHE PARA A FOME. Portal da pesquisa "Olhe para a fome" (site). Disponível em: < <https://olheparaafome.com.br/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

ONU prevê que cidades abriguem 70% da população mundial até 2050. **ONU News**. 19 fev. 2019 Disponível em: < <https://news.un.org/pt/story/2019/02/1660701> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

PATERSON, Hannah. **Grassroots Grantmaking: Embedding Participatory Approaches in Funding - A Winston Churchill Fellowship Report**. [s.l.]: Winston Churchill Memorial Trust, 2020. Disponível em: < [https://media.churchillfellowship.org/documents/Paterson\\_H\\_Report\\_2019\\_Final.pdf](https://media.churchillfellowship.org/documents/Paterson_H_Report_2019_Final.pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

PHILANTHROPY NEW YORK. **History of U.S. Philanthropy**. New York: Philanthropy New York, 2008 Disponível em: < <https://philanthropynewyork.org/sites/default/files/resources/History%20of%20Philanthropy.pdf> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

PIPKIN, Augusta. Innovations in Philanthropy: Towards a new ideology for international giving. **The Fletcher Forum**, v. 9, n. 2, Verão 1985, pp. 383-400. Disponível em: < <https://dl.tufts.edu/pdfviewer/2n49tc11z/h415pn33h> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

REDE DE FILANTROPIA PARA A JUSTIÇA SOCIAL. **Expandindo e fortalecendo a filantropia comunitária no Brasil**. Rio de Janeiro: Ape'Ku, Selo Doar para Transformar, 2021. Disponível em: < [https://www.redefilantropia.org.br/\\_files/ugd/aa2290\\_d0d30a61946a4d909e4714863ab03c60.pdf](https://www.redefilantropia.org.br/_files/ugd/aa2290_d0d30a61946a4d909e4714863ab03c60.pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

RELATÓRIO da ONU: fome no mundo sobe para 828 milhões em 2021. **Programa Mundial de Alimentos**. 06 set. 2022. Disponível em: <

<https://centrodeexcelencia.org.br/en/relatorio-da-onu-fome-no-mundo-sobe-para-828-milhoes-em-2021/> >.

ROSA-LUXEMBURG-STIFTUNG et al. False promises: The Alliance for a Green Revolution in Africa (AGRA). **GRAIN** (blog), 10 jul. 2020. Disponível em: < <https://grain.org/en/article/6499-false-promises-the-alliance-for-a-green-revolution-in-africa-agra> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

SÁ, Eduardo. “É preciso entender a agroecologia como uma ciência capaz de transformar a realidade”, destaca presidenta da ABA. **Associação Nacional de Agroecologia**, 19 abr. 2021. Disponível em: < <https://agroecologia.org.br/2021/04/19/e-preciso-entender-a-agroecologia-como-uma-ciencia-capaz-de-transformar-a-realidade-destaca-presidenta-da-aba/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

SÁ, Eduardo. Campanha agroecológica nas eleições seguirá em janeiro com foco nos municípios. **Mídia Ninja**, 30 dez. 2020. Disponível em: < <https://midianinja.org/news/campanha-agroecologia-nas-eleicoes-seguira-em-janeiro-com-foco-nos-municipios/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

SANT'ANNA, Caio Lucas et al. O papel das tecnologias sociais na gestão de resíduos e na agricultura urbana – Projeto de Extensão Mutirão de Agroecologia - MUDA/UFRJ. **X ENEDS**, Rio de Janeiro, RJ, set. 2013. Disponível em: < <https://anais.eneds.org.br/index.php/eneds/article/view/575> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

SÃO PAULO. Prefeitura da Cidade de São Paulo. Projeto ligue os pontos. Relatório da Fase 1. out. 2018. Disponível em: < [https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2019/01/RELAT%C3%93RIO\\_SITE\\_PTBR.pdf](https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2019/01/RELAT%C3%93RIO_SITE_PTBR.pdf) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

SÃO PAULO. Prefeitura da Cidade de São Paulo. Projeto ligue os pontos. Relatório da Fase 2. Jun. 2019 a jun. 2020. Disponível em: < <https://drive.google.com/file/d/1dP8vYGbcxqdcMjtjeIT0i9aRFZjujpSj/view> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

SCHEARER, Bruce. **The Role of Philanthropy in International Development**. New York: The Synergos Institute, 1995. Disponível em: < <http://live-syn-synergos.pantheonsite.io/sites/default/files/media/documents/philanthropyininternationaldevelopment.pdf> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

SHANKER, Deena. Agricultura urbana não nos salvará das mudanças climáticas. **Exame**, 21jun. 2017. Disponível em: < <https://exame.com/ciencia/agricultura-urbana-nao-nos-salvara-das-mudancas-climaticas/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

SILVA, Gustavo Henrique Pereira da. **Os efeitos de áreas agrícolas urbanas na intensidade das ilhas de calor em Florianópolis - SC**. 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade

Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2020. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/192773> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

SKLAIR, Jessica. Investimento de impacto e grantmaking: visões conceituais distintas para o investimento social privado brasileiro. **Artigos Gife**, São Paulo, v. 2, n. 1, 2020. Disponível em: < <https://www.fundacaoabh.org.br/wp-content/uploads/2021/07/INVESTIMENTO-DE-IMPACTO-E-GRANTMAKING-VISOES-CONCEITUAIS-DISTINTAS.pdf> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

SMIT, Jac. **Urban Agriculture, Progress and Prospect: 1975-2005**. Cities Feeding People Series, Report 18. Ottawa: IDCR, 1996. Disponível em: < <https://idl-bnc-idrc.dspacedirect.org/bitstream/handle/10625/22720/108516.pdf?sequence=1> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

SOUZA, Caroline; ZANLORESSI, Gabriel. Agropecuária e uso da terra são 61,6% das emissões brasileiras. **Nexo Jornal**, 08 nov. 2021. Disponível em: < <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2021/11/08/Agropecu%C3%A1ria-e-uso-da-terra-s%C3%A3o-616-das-emiss%C3%B5es-brasileiras> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

SUSTAINABLE AGRICULTURE INITIATIVE. A SAI Platform é uma das principais iniciativas globais da cadeia de valor de alimentos e bebidas para a agricultura sustentável. Disponível em: < <https://saiplatform.org/who-we-are/> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

TEGONI, Cinzia; LICOMATI, Simone. The Milan Urban Food Policy Pact: The potential of food and the key role of cities in localizing SDGS. **JUNCO – Journal of Universities and international development Cooperation**, Turim, n. 1, 2017, p. 372-378. Disponível em: < <https://www.ojs.unito.it/index.php/junco/article/view/2173/1984> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

WEIDNER, Till; YANG, Aidong. The potential of urban agriculture in combination with organic waste valorization: Assessment of resource flows and emissions for two european cities. **Journal of Cleaner Production**, v. 244, n. 20, jan. 2020. Disponível em: < [https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0959652619333608?casa\\_token=bnGpvmN-VZAAAAAA:h\\_o0AxXsXi93M3zM5f12dl4WVkcBhjnPae0OM6Azn\\_1pNrlRZmdSCrUI9lSEWD6zKNTECKi0jI](https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0959652619333608?casa_token=bnGpvmN-VZAAAAAA:h_o0AxXsXi93M3zM5f12dl4WVkcBhjnPae0OM6Azn_1pNrlRZmdSCrUI9lSEWD6zKNTECKi0jI) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

YARMOLINSKY, Adam. Philanthropic Activity in International Affairs. In: DEPARTMENT OF TREASURE (EUA). **Research Papers Sponsored by the Commission on Private Philanthropy and Public Needs**. Volume II: Philanthropic Fields of Interest, Part I - Areas of Activity. Washington D.C.: Department of the Treasury, 1977. P. 371. Disponível em: < <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED143603.pdf> >. Acesso em: 01 de julho de 2022.

YOUNG, Laine; LEE-SMITH, Diana; CAREY, Joy. Adding a Gender Lens to the Milan Urban Food Policy Pact Monitoring Framework. **Urban Agriculture magazine**, n. 37, jul. 2020, p. 9-12. Disponível em : < [https://cgspace.cgiar.org/bitstream/handle/10568/109186/UA-Magazine-37\\_web.pdf?sequence=1#page=9](https://cgspace.cgiar.org/bitstream/handle/10568/109186/UA-Magazine-37_web.pdf?sequence=1#page=9) >. Acesso em: 01 de julho de 2022.